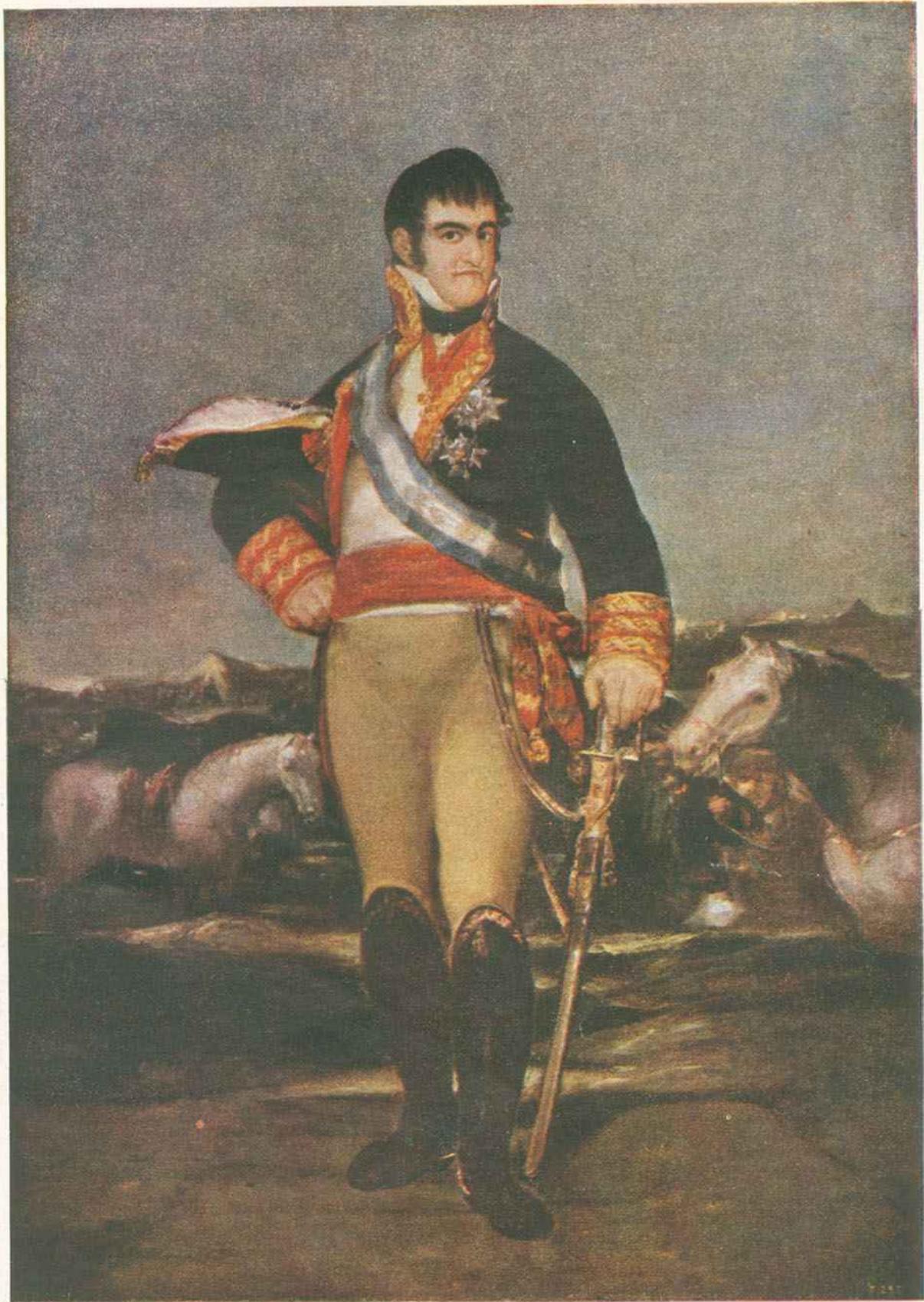


ILUSTRAÇÃO



FERNANDO VII^o DE ESPANHA

(QUADRO DE GOYA, EXISTENTE NO MUSEU DO PRADO, MADRID)

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|--|--|--|
| 1— DA TERRA À LUA , viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol. | 28— A GALERA CHANCELLOR , 1 vol. | 55— O CAMINHO DA FRANÇA , 1 vol. |
| 2— A RODA DA LUA , 1 vol. | 29— OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN , 1 vol. | DOIS ANOS DE FÉRIAS: |
| 3— A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS , 1 vol. | 30— ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA , 1 vol. | 56—1.ª parte— <i>A escuna perdida</i> . 1 vol. |
| AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS: | A CASA A VAPOR: | 57—2.ª parte— <i>A colónia infantil</i> . 1 vol. |
| 4—1.ª parte— <i>Os ingleses no Polo Norte</i> . 1 vol. | 31—1.ª parte— <i>A chama errante</i> . 1 vol. | FAMÍLIA SEM NOME: |
| 5—2.ª parte— <i>O deserto de gelo</i> . 1 vol. | 32—2.ª parte— <i>A ressuscitada</i> . 1 vol. | 58—1.ª parte— <i>Os filhos do traidor</i> . 1 vol. |
| 6— CINCO SEMANAS EM BALÃO , 1 vol. | A JANGADA: | 59—2.ª parte— <i>O padre Joan</i> . 1 vol. |
| 7— AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES , 1 vol. | 33—1.ª parte— <i>O segredo terrível</i> . 1 vol. | 60— FORA DOS EIXOS , 1 vol. |
| 8— VIAGEM AO CENTRO DA TERRA , 1 vol. | 34—2.ª parte— <i>A justificação</i> . 1 vol. | CESAR CASCABEL: |
| OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT: | AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES: | 61—1.ª parte— <i>A despedida do novo continente</i> . 1 vol. |
| 9—1.ª parte— <i>América do Sul</i> . 1 vol. | 55—1.ª parte— <i>A descoberta da terra</i> . 1.º vol. | 62—2.ª parte— <i>A chegada ao velho mundo</i> . 1 vol. |
| 10—2.ª parte— <i>Austrália Meridional</i> . 1 vol. | 56—1.ª parte— <i>A descoberta da terra</i> . 2.º vol. | A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN: |
| 11—3.ª parte— <i>Oceano Pacífico</i> . 1 vol. | 37—2.ª parte— <i>Os navegadores do século XVIII</i> . 1.º vol. | 63—1.ª parte— <i>A procura dos naufragos</i> . 1 vol. |
| VINTE MIL LEGUAS SUBMARIINAS: | 38—2.ª parte— <i>Os navegadores do século XVIII</i> . 2.º vol. | 64—2.ª parte— <i>Deus dispõe</i> . 1 vol. |
| 12—1.ª parte— <i>O homem das águas</i> . 1 vol. | 39—3.ª parte— <i>Os exploradores do século XIX</i> . 1.º vol. | 65— O CASTELO DOS CARPATHOS , 1 vol. |
| 13—2.ª parte— <i>O fundo do mar</i> . 1 vol. | 40—3.ª parte— <i>Os exploradores do século XIX</i> . 2.º vol. | 66— EM FRENTE DA BANDEIRA |
| A ILHA MISTERIOSA: | 41— A ESCOLA DOS ROBINSONS , 1 vol. | A ILHA DE HÉLICE: |
| 14—1.ª parte— <i>Os naufragos do ar</i> . 1 vol. | 42— O RAIOS VERDE , 1 vol. | 67—1.ª parte— <i>A cidade dos biliões</i> . 1 vol. |
| 15—2.ª parte— <i>O abandonado</i> . 1 vol. | KERABAN, O CABEÇUDO: | 68—2.ª parte— <i>Distúrbios no Pacífico</i> . 1 vol. |
| 16—3.ª parte— <i>O segredo da ilha</i> . 1 vol. | 43—1.ª parte— <i>De Constantinopla a Scutari</i> . | 69— CLOVIS DARDENTOR , 1 vol. |
| MIGUEL STROGOFF: | 44—2.ª parte— <i>O regresso</i> . 1 vol. | A ESFINGE DOS GELOS: |
| 17—1.ª parte— <i>O correio do Czar</i> . 1 vol. | 45— A ESTRELA DO SUL , 1 vol. | 70—1.ª parte— <i>Viagens aos mares austrais</i> . 1 vol. |
| 18—2.ª parte— <i>A invasão</i> . 1 vol. | 46— OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO , 1 vol. | 71—2.ª parte— <i>Lutas de marinheiro</i> . 1 vol. |
| O PAÍS DAS PELES: | MATIAS SANDORFF: | 72— A CARTEIRA DO REPÓRTER , 1 vol. |
| 19—1.ª parte— <i>O eclipse de 1860</i> . 1 vol. | 47—1.ª parte— <i>O pombo correio</i> . 1 vol. | O SOBERBO ORENOCO: |
| 20—2.ª parte— <i>A ilha errante</i> . 1 vol. | 48—2.ª parte— <i>Cabo Matifoux</i> . 1 vol. | 73—1.ª parte— <i>O filho do coronel</i> . 1 vol. |
| 21— UMA CIDADE FLUTUANTE , 1 vol. | 49—3.ª parte— <i>O passado e o presente</i> . 1 vol. | 74—2.ª parte— <i>O coronel de Kermor</i> . 1 vol. |
| 22— AS ÍNDIAS NEGRAS , 1 vol. | 50— O NAUFRAGO DO «CYNTHIA» , 1 vol. | 75— UM DRAMA NA LIVÓNIA , 1 vol. |
| HEITOR SERVADAC: | 51— O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672 , 1 vol. | 76— OS NAUFRAGOS DO JONATHAN , 1.º vol. |
| 23—1.ª parte— <i>O cataclismo cósmico</i> . 1 vol. | 52— ROBUR, O CONQUISTADOR , 1 vol. | 77— OS NAUFRAGOS DO JONATHAN , 2.º vol. |
| 24—2.ª parte— <i>Os habitantes do cometa</i> . 1 vol. | NORTE CONTRA SUL: | 78— A INVASÃO DO MAR , 1 vol. |
| 25— O DOUTOR OX , 1 vol. | 53—1.ª parte— <i>O ódio de Texar</i> . 1 vol. | 79— O FAROL DO CABO DO MUNDO , 1 vol. |
| UM HERÓI DE QUINZE ANOS: | 54—2.ª parte— <i>Justiça</i> . 1 vol. | |

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê de-pressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 100 - Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estois com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á **Academia Scientifica de Beleza** — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA.

Quando as crianças chegam a casa com

FOME

Quando as crianças chegam a casa fatigadas e com vontade de comer, tome a precaução de dar-lhes um alimento de fácil digestão.

KELLOGG'S Corn Flakes, preparados com leite ou nata, são ideais, porque são tão nutritivos quão fáceis de digerir. A sua frescura e paladar, agradabilíssimo são poderosos para despertar o apetite das crianças.

Têm a vantagem de não ser preciso cozinhar, serve-se directamente do pacote. Se o paladar lhe pedir, pode assucarar. Também se come com compota ou frutas frescas.

É uma refeição completa a qualquer hora.

Compre hoje mesmo um pacote **VERDE E ENCARNADO**

Vende-se em todos os bons estabelecimentos.



Kellogg's

CORN FLAKES

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

FIGUEIRA & ALMEIDA — Rua da Madalena, 88 - Lisboa

Grande sucesso literário

2.^a EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu valor
incontestavel está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilha

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslovaquia, Espanha,
Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suecia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroideá, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroideá sustentada por uma higiene bem compreendida.—III. Higiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre chronica.—VI. Higiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doencas dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Higiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a higiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar.—III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Higiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a higiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do appetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a ele.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Higiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insonia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Higiene sexual. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Higiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO—O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

1 volume de 244 páginas Esc. 10\$00

Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

I vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Revelação do Segredo da Influencia Pessoal

Metodo simples que toda a gente pode empregar para desenvolver as forças do magnetismo pessoal, a memoria, a concentração e a força de vontade, e para corrigir os habitos perniciosos por meio da maravilhosa sciencia da Sugestão. Livro de 80 paginas descrevendo detalhadamente este metodo unico, bem como um estudo psicoanalitico do caracter, mandados GRATUITAMENTE a quem escrever imediatamente

«A maravilhosa força da Influencia Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Controle do Espírito, denominem-na como quiserem, pode ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que sejam os seus atractivos pessoais ou por pequeno que tenha sido o seu sucesso na vida», diz o Sr. Elmer E. Knowles, autor do livro intitulado, «A Chave do Desenvolvimento das Forças Interiores». Este livro revela factos tão numerosos como extraordinarios das praticas dos Yogis da India, e expõe um systema unico no seu genero para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal, das Forças Hypnoticas e Telepathicas, da Memoria, da Concentração, da Força de Vontade e para a correcção dos habitos por meio da maravilhosa sciencia da sugestão.



Sr. D. C. Houlding

M. D. C. Houlding escreve: «A vossa inspiração fez de mim um novo homem, o meu poder de concentração e dominio de mim mesmo tem-se melhorado extraordinariamente. Destes-me a confiança em mim proprio e tendes-me permitido exercer

uma notavel influencia sobre os outros. Desde pouco, os meus successos foram tão remarcaveis como o tinha sido antes os insuccessos » Este livro espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproducções fotograficas, demonstrando como estas forças invisiveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cuja posse estavam longe de supôr. A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande instituição de Bruxelas e um exemplar será remetido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

Alem da distribuição graciosa do livro, será igualmente enviado a toda a gente que escrever imediatamente, um estudo do seu caracter. Este estudo preparado pelo Prof. Knowles contará 400 a 500 palavras. Se deseja pois receber um exemplar do livro do Prof. Knowles e o estudo do seu caracter, copie simplesmente com a sua propria mão as seguintes linhas:

«Quero o poder do espirito,
A força e o poder no meu olhar.
Queira ler o meu caracter
E mandar-me o seu livro.»

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo (indicando Senhor ou Senhora), e dirija a sua carta à *Psychology Foundation, S. A.* Distribuição gratuita (Dept. 6045-A.), Rua de Londres, N.º 18, Bruxelas, Belgica. Se quiser, pode juntar à sua carta Esc. 2.70 em selos do correio do seu paiz, para a despeza com a franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o selo suficiente. A franquia para a Belgica é 1.60 Esc.

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tódas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Neuralgias



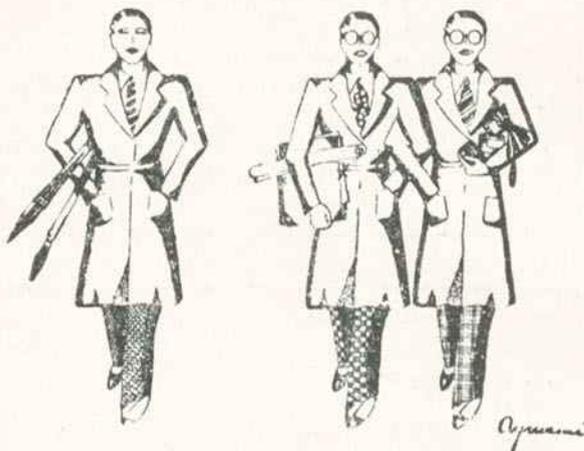
As dores neuralgicas com o tempo não ha organismo que resista, por mais forte que seja. Insidiosas a principio, se o paciente se descuida tem depois que contar . . . Mas a moderna sciencia oferece-nos uma excelente defeza: dois comprimidos de Cafiaspirina e a dôr desaparece, regressa o bem-estar com a mesma rapidez.



Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Só **FLIT**
me convem



Mata todos os insectos, portadores dos germens das doenças

É desnecessário salientar o perigo das moscas, mosquitos, e outros terríveis insectos domésticos. Mate-os com o poderoso FLIT que, pulverizado, assegura a destruição certa dos insectos sendo, todavia, inofensivo para o homem. FLIT é vendido **unicamente** nas latas amarelas seladas, com o soldado e a barra preta, e nunca de outra forma.



FLIT

Representantes Exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias
ESTABELECIMENTOS JERONIMO MARTINS & FILHO
13, Rua Garrett, 23 - LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE
POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado. 12\$00
Encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Crónica da Quinzena

DEPOIS de muito martelada pelos quatro ferreiros, lá terminou a grande obra do Pacto de Roma.

Será na realidade uma obra digna de admiração, ou igualará a dos sete alfaiates que se reuniram para matar o aranhão?

Vão passados alguns dias e ainda não apareceu em público o documento assinado, para se apreciar se sim ou não será a receita de felicidade que se anunciou. Dizem-no eficaz para evitar a guerra. Só isto. Daí a curiosidade em saber como funciona o maravilhoso pára-raios que sábios da Europa e América, anos e anos procuraram de balde.

Receios de que mais uma vez os povos sejam enganados, não faltam. A escarmenta dos Lucarno, Rapalo, Paris, Genebra, Seca e Meca provoca gestos pouco corteses, quando se fala em mais turismo diplomático. Fartos de jantares e almoços que não comem, de viagens que não fazem, de ajudas de custo que não recebem, estão os contribuintes, dos diversos meridianos.

Os portugueses, depois de reconhecerem o proveito das excursões, conferências, pic-niques destinados a estabelecer a paz, estimular o trabalho, afinar a moeda, acabar com o desemprego, facilitar as trocas, estreitar o convívio, quando ouvem reclamar novo encontro para o mesmo fim, respondem com palavras que habitam fora do dicionário.

Os outros, por esse mundo além, usam com certeza de termos equivalentes.

Talvez o Pacto de Roma, ao vir a lume, apareça com letra a menos e fique tão somente um pato, dos de celuloide, aplicável a brinquedo de crianças num tanque de jardim. Vamos, antes disso que uma patada capaz de esmagar os pés de quem traz bens ao luar e tem de guardá-los de cubiçosos.

Seja como for, alguém lucrou, e muito, por aquisição de valores inapreciáveis,

dos que não se pagam a dinheiro. Ganhou Mussolini e com ele a Itália, a honra suprema de ter levado a Canossa uma cabazada de potentados.

Bastaria o inglês para tornar o caso falado.

É certo que esse deu há muito em turista como nenhum outro daquela raça super-dinâmica. Tanto não impede de notar-se com assombro que o importante "Primer" de "His Majesty" foi a Roma, não para receber a benção do pápa, sim para se entender com o "Duce" que ainda não atravessou os Alpes com o fim ouvir conselho seja de quem for. Mais não é preciso como prova de que os tempos mudaram muito nestes últimos vinte anos.

Certo e seguro há a contar com a existência de mais uma grandeza na Europa, nova aguiá, ou quarto az do baralho internacional.

Pode ser que do pacto não saia o remédio contra a guerra, como se promete. Sai, sem falta nenhuma um novo trunfo a considerar no jogo da paz e da guerra. Demo-nos por entendidos.

Começa na véspera de S. João a circular em Itália o Carro de Téspis, vem a ser, uma ambulância teatral que leva Ópera, Comédia e Drama, desempenhados por artistas de nome, em todo país, afim de divertir os moradores de vilas e aldeias, desde o Trentino à Lucania e Calábria.

Em caminhões automóveis, enfilados como um combóio vai a companhia, com todos os pertences de pessoal, indumentária, cenografia, mobiliário, que apenas chegada a uma terra monta a cena na praça pública e dá a representação do "Trovador", da "Bohème", do "Glauco", de "Il mondo senza gamberi" e outras mais.

O povo, antes avisado por programa estabelecido, acode das cercanias, gosa, convive, exalta-se, e, ao acabar a festa,

abala para a sua morada muito mais italiano do que era. Vai também grato ao Estado que por aquele modo o serve, e convicto de que a colectividade existe, pois a conheceu viva, a comunicar com ele, a alegrá-lo, a abrir-lhe os olhos para ver um mundo maior e melhor.

Como exemplo de acto cívico, de transcendente efeito na formação do espírito social, não é fácil encontrar mais excelente.

Reconheceremos que os meios ao nosso dispor não chegam para levar a termo demonstrações desta valia. Muito o quizessemos, mesmo que a finança o permitisse, não conseguiríamos elementos que bastassem para organizar uma composição daquela natureza.

Não está provado que, estabelecidas as proporções com o ambiente, fosse impossível realizar programa com igual intento. Alguma coisa podíamos fazer que levasse um momento de gaudío, ao abandonado povo de Portugal, eterno desterrado da civilização, repetidas vezes enganado pelos que prometeram melhorar a sua sorte, dar-lhe um espírito, uma alma, e sempre o deixaram nas trevas exteriores, aonde não chega um raio de luz da inteligência. Ninguém cuida em iniciá-lo no gosto da beleza. Ninguém lhe revela a arte do gesto, da palavra, do som. Supõe-se talvez desnecessário ensiná-lo a cantar, a rir, a folgar para saber traduzir o seu contentamento por modo que bem se distinga do empregado pelos animaes, seus únicos companheiros do ermo.

A Itália reconheceu que ao prisioneiro da terra e da oficina era necessário abrir uma janela que lhe descobrisse as proporções e sentido actual da vida humana, no ocidente europeu. Esse acto constituiu uma autêntica e nobre revolução como outra ainda não se operou desde Cadmo para cá.

Quem nos dera a nós uma amostra do que na feliz terra do Lacio está ocorrendo.

Samuel Maia.

EM todos os tempos, os namorados buscaram, para abrigar-se, a sombra protectora das árvores.

Adão e Eva conheceram as delícias dos êxtasis do amor, sob a copa frondosa da árvore do Bem e do Mal, da qual antes tinham provado o fruto proibido.

E desde então, à paisagem, a nota gentil de duas mãos enlaçadas empresta um particular encanto, e o repenir de um beijo faz côr com o chilrear da passarada amorosa e zaragateira.

Como, nos tempos galantes do calção e dos punhos de renda, os românticos gostavam de embrenhar-se nos bosques frondosos dos castelos senhoriais, assim o pretendente de hoje, mais prosaico embora, prefere para o cavaco do namôro o banco que uma árvore cobre com a sua sombra protectora ou mesmo um velho tronco caído, onde uma galante beldade o espera às vezes impaciente, porque a vida agitada de hoje é contrária à pontualidade.

E, à falta de bancos, serve ainda a árvore de amparo ao namorado nesse longo "gargarejar para as janelas da sua amada.

Conheço uma árvore que entisicou de amor — do amor dos homens que a ela se encostaram, tendo a ferver lá dentro o desejo em cachão.

Foi nos tempos primeiros da sua vida uma árvore forte, pródiga em folhagem e em flôres olorosas que embalsamavam o ar que em seu redor girava.

A sua história é curiosa. Foi plantada, por acaso, no mesmo dia em que no prédio fronteiro da avenida onde lhe escolheram poiso nasceu uma menina que veio alegrar um lar, onde um casal apaixonado já desesperava de ver continuado o seu amor num rebento lindo.

E as duas, árvore e menina, iam crescendo em graça e em beleza, como ao desafio.

Dentro em poucos anos a árvore foi alargando os seus ramos que as flôres cobriam, e uma haste quasi chegava a entrar na janela do quarto onde a pequena

A ÁRVORE QUE O AMOR SECOU

dormia. A rapariga, já então uma mulhersinha de quatorze anos, logo de manhã o que fazia, assim que se levantava, era chegar à janela e acariciar a sua companheira de infância, a cuja sombra em pequenina ela se entretinha brincando com a terra que a sustentava.

Numa dessas manhãs, um estudantinho loiro, de capa preta, passou e olhou para a janela, e acendeu-se o fogo da paixão no peito de ambos.

O namôro pegou, e, de manhã, de tarde e à noite, êle passava e para a ver, quando não podia também falar-lhe, encostava-se à árvore cúmplice e protectora.

O calor do tímido caloiro era suave, e impregnava o pobre tronco de uma volúpia branda, que não lhe desagradava.

Mas a menina era inconstante e leviana, e atraz de namôro vinha namôro, e todos tomavam, como ponto de apoio, a árvore,

que parecia ter sido ali plantada pelo próprio Cupido, para poiso dos seus fiéis.

À medida que os encantos da moça se iam tornando mais perigosos para a segurança das cabeças masculinas, os seus galanteadores sentiam cada vez mais forte a chama do desejo que os queimava.

E a testemunha de todas as gradações da paixão que a sua amiguinha lançava na alma e no cérebro dos seus pretendentes sentia todo o seu ser queimar-se no mesmo fogo.

E a cada ano que passava a sua seiva ia secando, e a cada primavera as suas flores rareavam e nelas havia menos côr e menos perfume.

E êles, sempre estuando de amor pela rapariga de olhos negros e tez de cigana, com mais abandono se encostavam à árvore, até que ela de todo murchou, de tanto amor.

E hoje ergue para o céu os seus tristes galhos secos, como um esqueleto que os vermes despiram. Mas não amaldiçôa aqueles que lhe roubaram a mocidade e as suas galas, porque soube o que era amar.

A menina desconhece como aquilo foi; e como êsses malfeitores que matam sorrindo, servindo-se da maldade como arma, e que inconscientes nem sabem o crime que fazem.

E agora já nem se importa com a árvore. Anceia por que lhe tirem dali aquele estafermo e ponham outra nova, pois vai casar e para nada lhe serve já.

Oh! a ingratidão humana, que a tôda a criação se ataca.

Onde se passou isto? Onde secou de amor esta árvore?

Ora, onde havia de ser? Em Portugal, ninho de amor e de flores. Em Lisboa, terra onde a alface viceja e onde o "gargarejo" nunca mais acaba, a não ser que venham para cá os "arranha céus" da América.

E mesmo assim... Sabe-se lá de que é capaz o portuguezinho amorudo?

Mercedes Blasco.



Uma exposição de faianças

comemorativas da consagração
que a Academia das Ciências
prestou
a Henrique Lopes de Mendonça

REALIZOU-SE na Fábrica Constância, na rua de S. Domingos à Lapa, uma pequena e curiosa exposição comemorativa da consagração que a Academia das Ciências prestou ao seu falecido sócio Henrique Lopes de Mendonça, escritor e dramaturgo dos mais notáveis do nosso país.

Constava a exposição de quatro peças

de faiança. Numa delas, recorda-se a obra de Lopes de Mendonça, reproduzindo passagens de livros, peças teatrais e um soneto, extraídos da sua vasta produção.

Nas restantes acham-se inscritas algumas passagens dos discursos proferidos pelos srs. drs. Júlio Dantas, Eugénio de Castro e Joaquim Leitão na sessão solene da Academia em que se fez a consagração do notável escritor.

Tôdas as peças se acham artisticamente decoradas com lindos motivos ornamentais entrecruzados de escudos e alegorias marítimas. Tanto na forma como no colorido os trabalhos expostos são perfeitíssimos.

A execução das quatro peças foi dirigida por Leopoldo Battistini, o hábil mestre ceramista a quem se devem já tantas obras de grande valor artístico, e realizada pela sr.^a D. Maria de Portugal, que foi auxiliada, na difícil operação da cozedura, pelo operário José Rosa.

À cerimónia da inauguração, assistiram, entre muitas outras pessoas, os srs. chefe de gabinete do Ministério da Instrução, que representava o titular daquela pasta; dr. Júlio Dantas, presidente da Academia



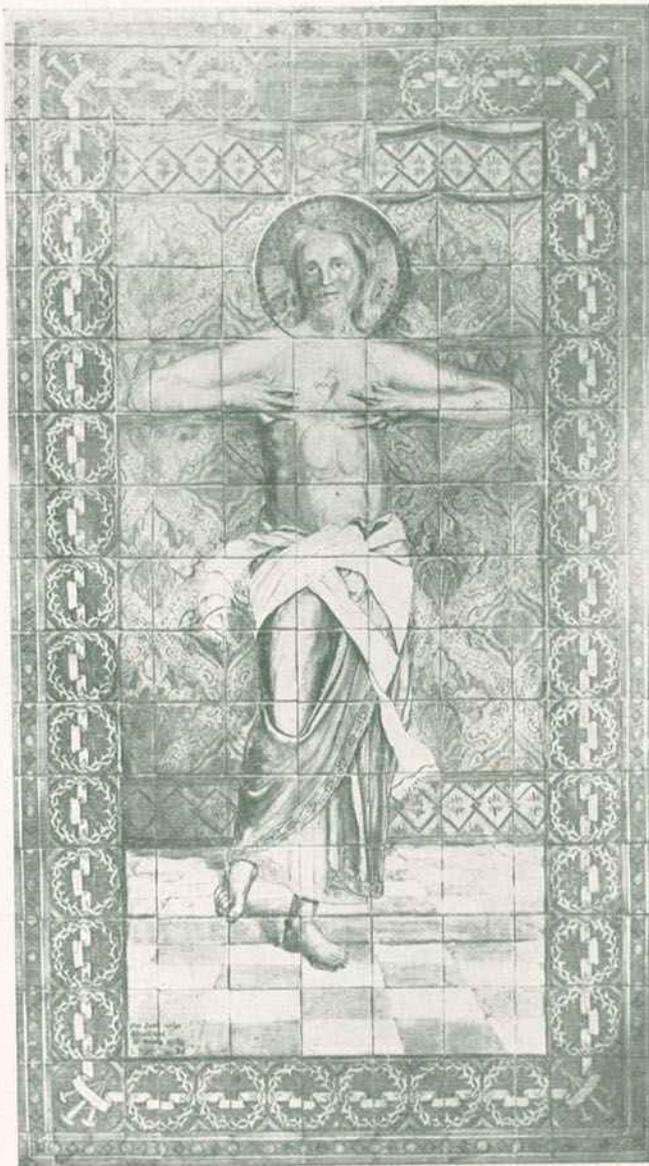
das Ciências e tenente-coronel Alegria, sub-director do Museu Militar.

A recepção aos visitantes foi feita por mestre Battistini, que com alto critério artístico, dirige a actividade da Fábrica Constância.

É de todo o ponto digna de elogios esta iniciativa, de alto merecimento artístico e mais ainda por prestar homenagem à memória do escritor que tanto honrou a nossa língua e de quem o eminente homem de letras, o sr. dr. Júlio Dantas, no elogio histórico proferido na Academia, disse:

"Hoje revive a memória saudosa dum príncipe das letras, alma de português, em cuja obra monumental, animada dum forte sopro heróico, se sente por vezes o tozan do mesmo bronze de que é feita a obra de Herculano: Henrique Lopes de Mendonça. Pronuncio êste nome com profunda comoção. Lopes de Mendonça foi para mim um amigo e um mestre, o prefaciador eminente do meu primeiro livro, e mão gloriosa e generosa que me abriu as portas da Academia, o conselheiro quasi paternal de tôda a minha vida literária, já — ai de mim! — longa demais. Na hora das suas exéquias académicas, eu preferiria ter a honra de sentar-me obscuramente junto dos seus illustres filhos, nêsse recolhido e expressivo silêncio, que é a eloquência do coração."

Em peças de faiança de delicado recorte fica dêste modo recordada a notável sessão de elogio histórico com que a Academia há pouco ainda homenageou a memória do autor de "A Alma do Trinca-fortes".



A C T U A L I D A D E S



A FESTA DO AR — As grandes provas de aeronáutica que no último domingo se realizaram em Alverca, levaram aquele aeródromo milhares de pessoas. Alinharam no campo 38 aparelhos. Houve provas de acrobacia aérea que o público aplaudiu. O avião tripulado pelo aviador Jorge Metelo, ao tentar fazer um «looping», teve uma perda de velocidade e «piscou» na pista. O piloto, apesar de ter sido encontrado desmatado na carlinga, sofreu unicamente um ferimento na cabeça. Ameio do certame, o chefe do Estado desceu da tribuna e fez entrega ao Grupo Independente de Aviação de Bombardeamento do novo estandarte — conforme se vê na gravura ao lado — tendo abraçado o seu comandante, major sr. Pinheiro Correia. A seguir, prosseguiram as provas de acrobacia, de caça aos balões, onde o aviador Plácido de Abreu revelou a sua grande pericia, e o interessante exercício do bombardeamento numa improvisada aldeia. Ao aterrarem os aparelhos, que entraram nesta última prova, o avião pilotado por Pinheiro Correia, capotou, partindo à sua direita, a helice e o trem de aterragem. O aviador ficou ferido no nariz. Apesar dos desastres a «Festa do Ar» resultou brilhante.



A «SEMANA DAS SOCIEDADES DE RECREIO» — Por iniciativa do jornal O Século efectuou-se durante os primeiros oito dias deste mês a «Semana das Sociedades de Recreio». Os festejos terminaram com um cortejo imponente das agremiações e sociedades filiadas na «Federação Distrital das Sociedades de Recreio». A concentração fez-se no Terreiro do Paço e desfilou pelas principais ruas da Baixa. Depois de ter estado no Governo Civil, onde a Comissão Executiva apresentou cumprimentos ao sr. comandante da policia, o cortejo dirigiu-se à Câmara Municipal, donde da varanda — como se vê na gravura da esquerda — o tenente-coronel sr. Linhares de Lima saudou as Sociedades de Recreio. No Salão Nobre, o sr. Manuel Vaz Ferreira, em nome da Federação, da qual é secretário geral, leu uma mensagem de saudação. Depois do cortejo foi ao Século, tendo a comissão organizadora e a direcção da Federação, com todos os estandartes, subido à sala da redacção. À noite, houve num dos restaurantes, o jantar de confraternização da família recreativa, em homenagem ao chefe do distrito. Na gravura, que acima publicamos, vê-se o sr. Manuel Vaz Ferreira em nome da Federação, fazendo o seu discurso de saudação e de agradecimento ao sr. tenente-coronel Moura e ao jornal O Século, que teve a feliz iniciativa da «Semana das Sociedades de Recreio».

A C T U A L I D A D E S



UM ALMOÇO DE HOMENAGEM — Oferecido pelos seus colegas do curso de direito da Universidade de Coimbra, realizou-se no dia 4 um almoço de homenagem aos srs. dr. Caeiro da Mata, illustre ministro dos estrangeiros e Rui Ulrich, novo embaixador de Portugal em Londres. Presidiu o dr. Caeiro da Mata, que dava a direita ao segundo homenageado. Aos brindes, falaram, a elogiar os seus condiscipulos, os srs. drs. Marinho da Cunha, Vasco de Quevedo, Orestes Santos, Adriano Coelho e Pinto de Gouveia. A seguir, o sr. dr. Rui Ulrich recordando os tempos de Coimbra, prestou homenagem ao valor de Caeiro da Mata afirmando que vem realizando na pasta dos estrangeiros uma acção notável. Em ultimo lugar falou o sr. dr. Caeiro da Mata, que agradeceu, comovido, as palavras elogiosas que lhe tinham sido dirigidas.



A CONFERÊNCIA ECONÓMICA INTERNACIONAL — No dia 7 deste mês, partiu no voador, a fim de seguir para Londres, onde vai tomar parte na Conferência Económica Internacional, o sr. ministro dos estrangeiros, presidente da delegação portuguesa, que foi acompanhado pelos srs. drs. Mendes Leal, João de Mendonça e Eduardo Machado. Na gare compareceram grande numero de pessoas, entre ellas quasi todos os membros do governo, funcionarios superiores do ministério dos Estrangeiros e do Banco de Portugal.

Durante a ausencia do sr. dr. Caeiro da Mata, o sr. comandante Mexquita Guimarães, ministro da marinha, assumiu a gerência da pasta dos estrangeiros.



TRADIÇÕES ACADÉMICAS — Nos jardins da Faculdade de Direito, realiza-se há dias a curiosa cerimonia da «Queima das Fitas». Ao acto, que foi realizado pelas senhoras que vão concluir o seu curso, assistiram alguns leutes. No grupo, vêm-se os srs. drs. Abel de Andrade, Barbosa de Magalhães, Vieira da Rocha, Pinto Coelho, Fernando Emídio da Silva e Pedro Martins.



Aspecto geral da Exposição Internacional de Chicago

CHICAGO, a grande metrópole do centro norte-americano, edificada com os seus arranha-céus e as suas amenas baías à beira do lago Michigan, célebre em todo o mundo pelos seus grandes certâmens industriais e o entesouramento de enormes fortunas, que a fez preferir a New-York, como teatro de toda uma literatura policial, abriu no dia 1 deste mês mais uma das suas famosas exposições, índices da sua extraordinária actividade e cultura e do seu crescente progresso.

Neste momento, para ela convergem as múltiplas atenções, as ansiosas expectativas do mundo laborioso, artífice e artista.



Otelo da Guiné
(Foto de Francisco de Oliveira)

tumultuária órbita moderna, vão de mãos-dadas com as indústrias, tal como o incíciu com uma nova época do mundo, a Exposição das Artes Decorativas, de Paris.

E assim, o novo certâmen que se está realizando em Chicago, é também uma grande manifestação de arte e de gosto moderno, em que a metrópole do lago Michigan tem caminhado adiante, na pátria americana.

Pavilhões gigantescos de uma arquitectura inédita, quasi inconcebível, erguem as suas faces lisas, as suas linhas rectas, as suas justaposições planas, numa topografia fantástica, toda recortada em sóbrios jardins à beira do imenso lago, e dominada por uma terra linear, que sobreleva a famosa cúpula de São Pedro, de Roma.

Um dos mais extraordinários *buildings*, como que erectos num mundo-novo, é, sem dúvida, o das Artes-Gráficas, cuja figura recorda de longe um esbelto e admirável gazometro.

Ali, sob os auspícios do grémio fotográfico *Chicago Camera Club*, se exhibe o Salão Internacional de Fotografia.

Um júri de desassete individualidades marcantes nas Artes e nas Letras, seleccionou trabalhosamente um máximo de quatro trabalhos individuais, propostos aos artistas fotógrafos de todo o mundo. Um aluvião de provas fotográficas respondeu, dos quatro-ventos do mundo ao apêlo norte-americano.

É que Chicago, na América, e Paris, na Europa, são os dois maiores cosmópolis expositivas. A grande e pequena indústria de qualquer recanto do Globo, aspiram firmar o seu conceito, nas suas medalhas de ouro, nas suas menções honrosas.

Hoje em dia, as Artes, gravitando na

A fotografia portuguesa na Exposição de Chicago

Para dár uma ideia do que foi durante dois meses a tarefa da comissão seleccionadora, uma revista yanqui da especialidade, diz que as provas rejeitadas dariam, sobrepostas, a massa do pavilhão das Artes-Gráficas.

Será americanice, mas, ainda com o devido desconto, a hipérbole serve para patentear a honra que, para Portugal vem

de constituir a admissão de nove trabalhos de três artistas fotógrafos portugueses: Francisco de Oliveira, o retratista profissional, e os amadores João Martins e Vale do Rio Carvalho Henriques. Deste último, que já muito fez e de quem ainda mais há a esperar, foi aceite um trabalho, e dos dois primeiros a totalidade de provas admitidas a cada fotógrafo, indistintamente profissional

ou amator. A foto de Carvalho Henriques, admitida pelo rigoroso júri do Salão



João Martins



Saindo para a venda
(Foto de João Martins)

Internacional de Chicago é, sem dúvida, uma obra de Arte, original e forte, que corresponde às melhores esperanças dos seus admiradores e enche de curiosidade aqueles que desconhecem a sua maneira impressionista. Sob o título *Cabo de Atracção*, o fotógrafo focou de ângulo o enlance sobre o cais, de uma grossa amarra de vapor, fazendo-a ressaltar, tecnicamente, em toda a sua expressão de força.

João Martins, nome divulgado desde a primeira hora pela *Ilustração* e que já atravessou a fronteira, colaborando com êxito em *La Estampa*, *Le Miroir du Monde* e várias publicações da América do Sul, é o fotógrafo da sensibilidade, o lírico impressionante do claro-escuro. A Chicago concorreu êle, tanto à sua maneira, com

esses primores de técnica suave, que são *Pescando ao entardecer*, *Garvotas fugindo*



Várinas
(Foto de João Martins)

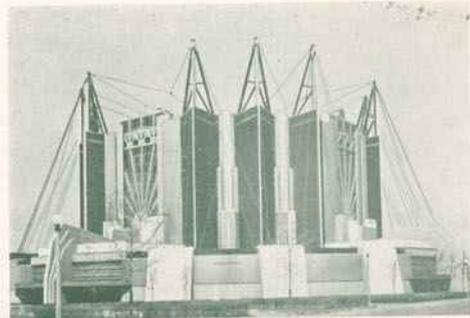
ao crepúsculo, *Várinas e Saindo para a venda*, dois destes trabalhos já inseridos em reportagem, nas nossas colunas.

Francisco de Oliveira, o grande retratista de atelier, hoje uma das vítimas profissionais do retratinho modesto, a tanto a meia-dúzia, para acabar, é o Artista consciencioso, imprevisito, que não rebusca, não visa

à sensação fácil ou *snob*, nem ao lindismo burguês, de que também é vítima sem apêlo. Diante do original que se lhe entrega, o fotógrafo esquece tudo, combate tudo, buscando logo a atitude espontânea, a inclinação mais pessoal, um momento da expressão própria, que lhe dá a linha de maior beleza, por a mais natural e, assim, expressiva. No entanto, a-pesar da sua técnica naturalista, poucos

artistas têm como êste procurado, ainda que com sacrifício, a inovação, o desempoeiramento da sua Arte, sempre com fito à maior altitude do Belo. Mas, à parte algumas pessoas de categoria ou de bom gosto, que não bastam para a sua profissão, a estética de Francisco de Oliveira arrasta-se sem incentivo entre um vulgo inferior e apático. Ao presente Salão Internacional de Fotografia, de Chicago, concorreu êle com um magnífico retrato do actual presidente da República Portuguesa, com *Mulher de bronze*, esplêndida composição de Arte, *Otelo da Guiné*, um admirável perfil de régulo, e *Formosura da tribo*, flagrante beleza cigana, êstes dois últimos também já publicados em reportagem, na *Ilustração*.

Portugal que, de ordinário brilha pela sua ausência nos grandes certâmens estrangeiros, que são extraordinárias competições de vitalidade e exaltação mundiais, e que diminutamente sabemos ter contribuído com a sua actividade para a



O pavilhão das Artes Gráficas onde está instalado o Salão Fotográfico

actual exposição de Chicago, responderá o seu "presente" com os trabalhos dos três citados artistas, numa modalidade que se pode considerar uma indústria e, ao mesmo tempo, uma Arte.

Aos três simpáticos fotógrafos foi feito ciente por escrito, na pessoa de Francisco de Oliveira, o grande regozijo da colónia portuguesa de Chicago, pelo cantinho em que se abrirá um pouco da alma e da vida da nossa terra, ante os milhões de forasteiros que visitarão o Salão de Fotografia, no *building* das Artes-Gráficas.

A todo o país é merecedor de aplauso e incentivo o esforço dos três simpáticos artistas. E, por nossa parte apresentamos as melhores felicitações aos nossos brilhantes colaboradores.



Mulher de bronze
(Foto de Francisco de Oliveira)

A maior praia da Holanda

SCHEVENINGEN... Scheeveningen... Scheveningen... é o grande cartaz luminoso que os holandeses oferecem como regalo às meninas dos meus olhos cansadas da amplidão infinita do mar, quando desembarco pela primeira vez no porto de Rotterdam. Rubras como fogo, estas três palavras, Scheveningen... Scheveningen... Scheveningen pirilampam por toda a cidade, perseguindo-me numa tentação, em rajadas incandescentes do alto dos arranha-céus, rasgando o negrume da noite em tiradas de luz, massacrando-me a vista impiedosamente.

Corro daqui para ali, fujo ao bulício da grande cidade, recolho-me ao quarto do Camms Hotel, e nem mesmo encerrado entre quatro paredes as palavras Scheveningen... Scheveningen... Scheveningen deixam o meu espírito acolher-se a uma merecida quietude.

Ao princípio da madrugada mergulho a minha existência de jornalista errante no «Pschorr», o «dancing» mais característico de toda a Holanda. E até aí — meu Deus, — a um canto da vasta sala, a palavra Scheveningen constitui um motivo de decoração curiosa. Toda a gente em minha volta fala em Scheveningen. Não posso mais e ao primeiro holandês que passa ao meu alcance eu obrigo a explicar-me o que é Scheveningen. A minha pergunta que é natural, que tem razão de ser, faz com que me olhem admirados, estupefactos, por eu, estrangeiro na língua e na nação, desconhecer a praia mais famosa do norte da Europa.

Scheveningen é finalmente o grande centro mundano da Holanda, «rendez-vous» das mulheres formosas dos países nórdicos, a praia onde na época balnear



A praia de Scheveningen, a mais formosa do norte da Europa.

as belezas femininas desfilam em parada.

Ao consul de Portugal em Rotterdam, sr. D. José da Câmara, um português que honra a sua Pátria e que muito ama a Holanda, eu devo a satisfação da minha curiosidade proporcionando-me uma viagem ao Paraíso dos Paraísos terrestres, uma página colorida para a *Ilustração*.

Aceito o convite com alvoroço, com entusiasmo, com ambas as mãos, e entro em Scheveningen maravilhado, com as meninas dos meus olhos transformadas em lampadas de Aladino, a minha máquina fotografica preparada para gravar o inédito...

A praia de Scheveningen onde durante quatro horas vi desfilarem as mais estranhas belezas femininas, é, no mar do Norte o primeiro centro mundano, Eden fantástico de cujas águas surgem a cada instante os corpos esculturais, semi-nús, provocantes das filhas daqueles países onde no inverno o frio atinge 15° abaixo de zero.

Todos os dias milhares de mulheres embelezam a vastidão da praia de Scheveningen exibindo em plasticas atitudes

as suas formas bem talhadas, permitindo que o olhar indiscreto, curioso, bisbilhoiteiro do homem do sul se perca na contemplação daquelas estatuas de carne. E apazear da amenidade do clima não ter semelhanças com o de Portugal e da temperatura em pleno setembro me obrigar a encadilhar-me frequentes vezes num sobretudo e as elegantes de Scheveningen banham-se com tanto prazer como se a Holanda recebesse os benefícios dos raios solares. Aqui como em Katwijk, como em Noodijk, como ainda em Kuidwin, não se pôde, como em qualquer estância balnear de Portugal, descer de manhã à praia.

Os edis não o autorizam, porque sendo o Sol um dom em que a Natureza foi bastante avara para os holandeses — lógico se torna — que quem queira oferecer a derme às caricias do calor pague tal prazer.

E assim, só ao princípio da tarde, quando o astro-rei caminha vagarosamente para o infinito, é que se pôde descer à praia. Mas antes paga-se a taxa de meio florim, porque, ignorando os holandeses que «o Sol quando nasce é para todos», cobram um imposto a todo aquele que queira pisar a fina areia das praias da Holanda.

Depois de ter percorrido de lés a lés a linda Scheveningen, moderna, aristocrática, elegante, rodeada de casinos, hotéis, grandes restaurantes, belos estabelecimentos de modas, embelezada à custa do esforço que não se poupou, nem a fadigas, nem a dinheiro para colocar Scheveningen ao lado das grandes praias do mundo, lembrei-me de certas zonas de turismo de Portugal onde tudo falta e nada se faz. E sem ir mais longe, visitei no meu regresso a Portugal a Costa da Caparica, pomposamente rotulada Praia do Sol e centro de turismo, com meia dúzia de palhotas de colmo a convencerem o estrangeiro que ali vai que se encontra perdido numa costa longínqua da África e não numa terra que está a uma hora de viagem de Lisboa, cidade europeia e capital dum país civilizado.



Scheveningen vista de aeroplano

Armando d'Aguiar.

A CONFERÊNCIA IMPERIAL



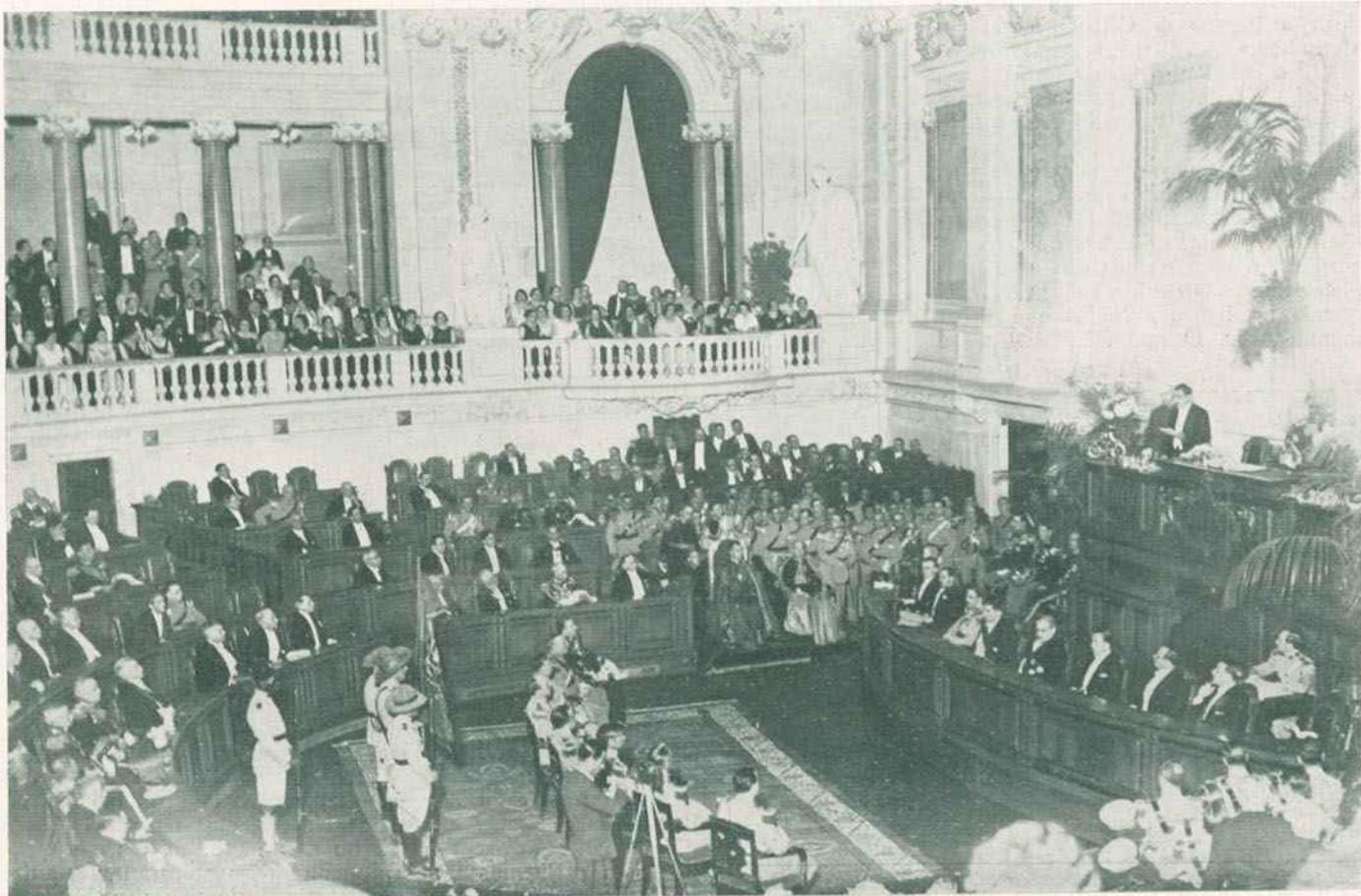
CARACTERIZOU-SE POR UM extraordinário brilhantismo a sessão soene inaugural da Conferência Imperial. Foi uma cerimônia raramente igualada. Efectuou-se na sala da antiga Câmara dos Deputados. Constituiu um acontecimento digno de registo. Tanto o vasto hemiciclo como os Passos Perdidos tinham um aspecto grandioso. Foi uma cerimônia verdadeiramente imponente. Todo o mundo oficial e todo o corpo diplomático. Pelas tribunas numerosas senhoras

com ricas e vistosas *toilettes*. O público enchia, por completo, as galerias superiores. O Chefe do Estado foi esperado à porta do Congresso por todos os membros do governo. A companhia indígena de infantaria e um batalhão de marinha fizeram a guarda de honra. O sr. general Carmona, ao entrar na sala, foi alvo duma entusiástica e delirante aclamação. Tomou a presidência. Ao seu lado direito, sentou-se o sr. dr. Oliveira Salazar, chefe do governo, e à esquerda, o



sr. dr. Armino Monteiro, ministro das colónias. Falou em primeiro lugar, o presidente do ministério, que foi formidavelmente aplaudido. Pronunciou um notável discurso, sobre política geral e sobre a obra de renovação colonial. Em seguida, falou o ministro das colónias, que esboçou um vasto plano de política colonial. Em nome dos governadores ultramarinos, falou o sr. general Craveiro Lopes, governador geral da Índia. A imponente sessão terminou pelo Chefe do Estado condecorar com a comenda da Ordem do Império Colonial, o sr. dr. Venâncio da Silva, médico que muito se distinguiu em África, combatendo a terrível doença do sono.

As nossas gravuras mostram-nos a entrada solene do Chefe do Estado no edifício do Congresso, a companhia indígena formada no átrio e um aspecto da sala durante o discurso do sr. dr. Oliveira Salazar.





Passando junto da lava do Vulcão Etna

RECORDAR é viver — diz-se — e talvez por isso o meu artigo de hoje não tenha outro fim do que lembrar o que foi a grande excursão jornalística à formosa ilha Sicília, efectuada há cerca de dois anos.

Recordo, com saudade, o que foi essa viagem, para a qual, a amável convite da «A. S. T. I. S.», foi convidada a Imprensa Mundial que durante dez dias, rodeada de mil atenções e gentilezas, percorreu a linda ilha italiana.

E... às quinze horas de uma deliciosa tarde de outubro, setenta e cinco jornalistas, representantes da Imprensa europeia e americana tomavam, em Roma, lugar no comboio que os havia de conduzir a Reggio di Calabria onde um «ferry-boat» os aguardaria para, atravessando o estreito, os deixar em Messina, primeira cidade onde seriam obsequiados e o primeiro curioso local a visitar. Sete horas da manhã, de uma manhã que presagia um lindo dia quente de sol; Messina. O cataclismo que ultimamente devastou a cidade perdura ainda, a pesar-de haver já umas dezenas de anos decorridos. A cidade ainda não está completamente reconstruída, entretanto há já grandes e largas avenidas e edifícios monumentais. O que falta construir é



Mulheres colhendo flores para preparar essências

pouco, muito pouco mesmo. Urge aproveitar o tempo; está marcada para as dezasseis horas a partida para Taormina e até lá temos de ir ao «Colle San Rizo», donde se disfruta um maravilhoso panorama de montanhas; visitar o estabelecimento de «Floricultura Di Pasquale», onde graciosas raparigas fazem a apanha das aromáticas flores de jasmim, e de muitas outras flores para o fabrico de essências; percorrer a fábrica de «Acido Citrico Busurgi», onde o suco do limão depois de se ter transformado em cristais, é reduzido a pó, e assistir ao almoço que nos

oferecido pela Comuna de Messina. A «Astis» tem um programa extraordinariamente bem organizado. Não se perde, em vão, um



O grupo de jornalistas que percorreu a Alta Sicília

é oferecido pela Comuna de Messina. A «Astis» tem um programa extraordinariamente bem organizado. Não se perde, em vão, um

mos a cidade e, à noite, presenciamos a fantasia do luar envolvendo as ruínas do célebre «Teatro Grego»; uma visão inolvidável de grandiosidade. Chegamos a Catania, a cidade do Etna, cerca das dezanove horas. Junto do Palácio do «Podestá», onde os automóveis nos conduzem, está uma enorme multidão que recebe a caravana jornalística com exaltadas manifestações de regosio.

No programa está indicado um espectáculo folclórico pela Companhia Rapsarda. A apresentação faz-se no recinto onde se efectua uma grande feira de amostras de produtos italianos. É um espectáculo ao ar livre que diverte e distrai, muito embora a representação seja em siciliano.

IMPRESSÕES
A ILHA
foi visitada
por 75 representantes

de papel, esse movimento é, reproduzido, no interior, grandemente ampliado.

Vamos agora a caminho de Ragusa, onde visitaremos as minas de asfalto, cavernas imensas donde é extraído o minério que a indústria ha-de aplicar.

O véu estreado da noite começa a envolver-nos com o seu manto diafano. Os automóveis correm velozes, na estrada em zig-zag, em direcção a Caltanissetta. São onze da noite e o «Consiglio Provinciale Economica» tem-nos preparado um banquete.

Todos os nossos colegas estão fatigadíssimos de tantos banquetes, chás e

imitação daquêl minério que ali circula constantemente. Entramos, depois, em espaçosas galerias bem iluminadas. Só em presença do insedifismo que, para nós teve êste espectáculo da vida dos mineiros podemos avaliar quanto penosa é esta profissão.

Regressamos aos autos que se põem em marcha para Agrigento. Mais templos, mais ruínas. E a viagem continua para Selinunte; Sagasta; Palermo; Piana dei Greci, onde os costumes albaneses deslumbram os excursionistas; Mondello Lido, a praia onde a água, mesmo a grande profundidade, é completamente cristalina; Monte Pellegrino; regresso a Palermo e embarque para Nápoles.

E... recordar é viver — por isso eu lembro com salidade esta viagem em que tive por companheiro o meu ilustre colega dr. Jorge de Faria, esta viagem que me deixou presenciar espectáculos maravilhosos, cenas de feéricas apoteoses, criadas pela natureza, esta ilha que podemos classificar por «Una donna velata che primo nos interessa, dopo nos ennamora e per fino nos prende il cuore per non lasciarlo più».

DE VIAGEM
SICILIA
há dois anos
da imprensa mundial

«Enit» e a «Artis» se pode levar a efeito uma proveitosa propaganda. Custa dinheiro? Custa. Muito? Muito. Mas servindo-nos da frase do grande Marcelino de Mesquita, diremos:

«E' caro, mas é bom!»
Siracusa é a cidade onde o mito se confunde com a epopéa e o divino com o humano; cada bloco de pedra, cada palmo, cada pedaço de serra despede chamas, scentilhas de recordações.

No centro da cidade como símbolos dos seculos XVI, XVII e XVIII, estão o «Episcopio», o Palácio Comunal; o dos barões Beneventano del Bosco; o [Mu-



Os jornalistas ao chegar a Messina, a cidade marítima

seu; a igreja de Santa Lucia e, com a fachada elegante e harmoniosa em estilo barroco, a Catedral.

Um pouco mais além, transformado, pelos séculos, em terras de cultura, o espaço ocupado outrora pelos bairros mais nobres e populosos de Acradina e Neapoli.

Como um enorme leque e as filias concéntricas de logares, o «Teatro Grego», cuja vida foi grande e gloriosa até Jeronimo II, filho de Jerocle, vencedor dos Mamerlinos, junto do rio Longano, rei de Siracusa, de 269 até 215. A. C., e onde, actualmente, por iniciativa do «Istituto Nazionale del Dramma Antico» se realisam espectáculos com tragedias gregas classicas, traduzidas e adaptadas por Romagnoli.

As «Latomie», antigas prisões, hoje transformadas em odoríferos pomares de limoeiros, onde sofreram os horrores do cativeiro muitos atenienses prisioneiros de guerra. A mais celebre destas primitivas prisões é conhecida pela «Orelha de Dionisio» onde o éco é tal que rasgando levemente, á entrada, uma fôlha

de papel, esse movimento é, reproduzido, no interior, grandemente ampliado.

Vamos agora a caminho de Ragusa, onde visitaremos as minas de asfalto, cavernas imensas donde é extraído o minério que a indústria ha-de aplicar.

O véu estreado da noite começa a envolver-nos com o seu manto diafano. Os automóveis correm velozes, na estrada em zig-zag, em direcção a Caltanissetta. São onze da noite e o «Consiglio Provinciale Economica» tem-nos preparado um banquete.

Todos os nossos colegas estão fatigadíssimos de tantos banquetes, chás e

imitação daquêl minério que ali circula constantemente. Entramos, depois, em espaçosas galerias bem iluminadas. Só em presença do insedifismo que, para nós teve êste espectáculo da vida dos mineiros podemos avaliar quanto penosa é esta profissão.

Regressamos aos autos que se põem em marcha para Agrigento. Mais templos, mais ruínas. E a viagem continua para Selinunte; Sagasta; Palermo; Piana dei Greci, onde os costumes albaneses deslumbram os excursionistas; Mondello Lido, a praia onde a água, mesmo a grande profundidade, é completamente cristalina; Monte Pellegrino; regresso a Palermo e embarque para Nápoles.

E... recordar é viver — por isso eu lembro com salidade esta viagem em que tive por companheiro o meu ilustre colega dr. Jorge de Faria, esta viagem que me deixou presenciar espectáculos maravilhosos, cenas de feéricas apoteoses, criadas pela natureza, esta ilha que podemos classificar por «Una donna velata che primo nos interessa, dopo nos ennamora e per fino nos prende il cuore per non lasciarlo più».

Torres de Carvalho.



Nas ruínas do «Teatro Grego» em Taormina

Regressamos aos autos que se põem em marcha para Agrigento. Mais templos, mais ruínas. E a viagem continua para Selinunte; Sagasta; Palermo; Piana dei Greci, onde os costumes albaneses deslumbram os excursionistas; Mondello Lido, a praia onde a água, mesmo a grande profundidade, é completamente cristalina; Monte Pellegrino; regresso a Palermo e embarque para Nápoles.

E... recordar é viver — por isso eu lembro com salidade esta viagem em que tive por companheiro o meu ilustre colega dr. Jorge de Faria, esta viagem que me deixou presenciar espectáculos maravilhosos, cenas de feéricas apoteoses, criadas pela natureza, esta ilha que podemos classificar por «Una donna velata che primo nos interessa, dopo nos ennamora e per fino nos prende il cuore per non lasciarlo più».



Os representantes da imprensa mundial em Agrigento

A Arte nasceu do espírito religioso. Primitivamente, foi só a sua expressão, manifestando-se nos templos, nas imagens, nas cerimónias culturais e nos escritos sagrados. O índio bramânico, devoto cinzelador das montanhas em que abriu os seus templos, os pagãos, ou melhor — pantéistas, e os cristãos primitivos não se serviram da Arte para uso profano. Se a Arte começou por aflorar na casa dos pantéistas, e daí ransitou para os objectos do seu uso, foi porque os seus lares eram considerados templos. Dêles se desmembraram as Artes-plásticas, como do seu teatro, ou do simples recital, que eram um rito, saíram a Dança, a Poesia e a Música, destinadas à exaltação dos deuses, como dos feitos e dos heróis divinizados.

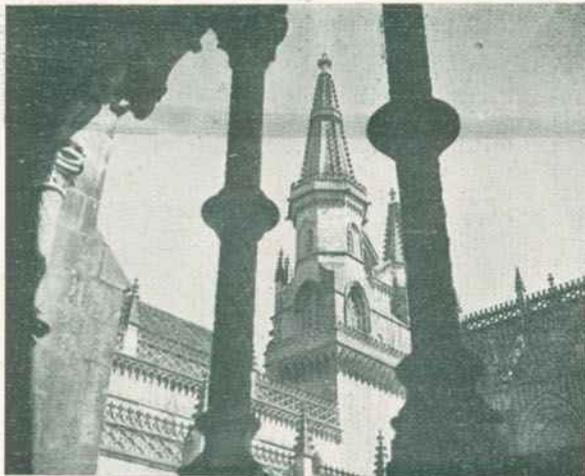
Depois, quando o império espiritual da palavra de Cristo, definitivamente venceu pelas armas de Constantino o "Grande", a civilização pagã defendida pelas hostes de Maxêncio, a semente divina regada pelo sangue fiel e lançada às catacumbas, espigou por toda a terra da cristandade, nas alterosas, admiráveis catedrais.

Foi primeiro nas velhas basílicas latinas onde se ministrava a Justiça, que a crença triunfante do paganismo se pde desenvolver nas almas à luz do sol. Logo outras basílicas se levantaram nas suas três naves de colunatas para o novo culto, até que o imperador Justiniano, na cidade que Constantino sobrepos à antiga Bizâncio, ergueu, nos seus sete mil metros quadrados, portentosa na sua cúpula e semi-cúpulas, e revestida de todo o esplendor bizantino, Santa Sofia, só mais tarde excedida em grandeza, por São Pedro, de Roma.

Entretanto, ainda o fervor místico da cristandade houve de ser defendida durante séculos pela espada, contra os bárbaros do Norte, os hunos, os normandos, que foi convertendo, os árabes irrenitentes e tsnados, as lutas ímpias dos seus senhores feudais, e as dissidências entre os partidários do Papa e as do império marcial e lírico de Carlos Magno.

O misticismo dominava o carácter dos homens, os mais superiores. Uma poesia épica criava os novos Heróis. A Mulher, que fora a Fêmea, a beldade física do paganismo, convertia-se na castelã, em a dama ideal, mesmo a donzela platónica, que muitos cavaleiros viam na sua espada nua. Os castelos alçavam-se maciços e sombrios nas suas muralhas ameidadas, barbacãs e seteiras vigiando o espaço. A guerra culminava a própria crença: as torres elevaram-se nas igrejas para espiar de longe o inimigo antes que nelas os sinos badalasses o seu apêlo de bronze à submissão dos fieis.

Os templos tinham, pois, a solidês pesada dos castelos e das grossas muralhas que cintavam as cidades. Tudo respiravaum ar de poderio marcial, e assim foram

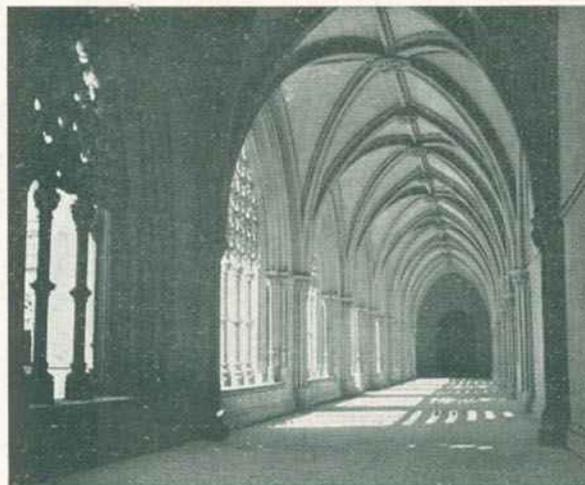


CANTICOS DE PEDRA

os primeiros monumentos, os primeiros cânticos que os crentes elevaram na pedra, para Deus. Nêles apareceram os arcos de alvenaria em vez das colunatas exteriores das basílicas, e os tectos destas, em madeira sobre vigamento, foram substituídos pela abóbada, prescrita contra os incendiarios inimigos. Tais fôram as primitivas catedrais, chamadas românicas, de muros densos e ameidadas como recintos bélicos, guardando já a planta definitiva da cruz latina, formada pelo cruzamento de duas abóbadas.

Ainda uma vez firmado o triunfo das nações aliadas pelo império da crença, de defensivos, os cristãos tornaram-se ofensivos, para a conquista da terra, e especialmente do sagrado sepulcro do divino Mestre. O fervor místico patenteou-se claro no sacrifício, a oferenda [do sangue].

Os cavaleiros mais nobres e toda uma legião de devotos esforçados, constituíram



as famosas cruzadas ao Oriente. Algumas, seguindo por ocidente, deveriam beneficiar a consolidação do pequeno reino cristão de Portugal, arrancando palmo a palmo o solo ao jugo profano dos infieis.

Então, êsse baixo Oriente, mercê das conquistas que sofrera, tornara-se de uma melancolia enlevada e poética, que escreveu dôces contos e poesias, assim como elevou esbeltos monumentos, delicados e floridos, entre jardins de encanto. Os cruzados sentiram na sua fé elegiaca essa Arte de sentimento; nela os deslumbrou sobretudo a ogiva, ou melhor — augiva, êsse arco arquitectónico, o mais esbelto, delicado e, ao mesmo tempo poderoso, que por certo lhes sugeriu a elevação de dois braços crentes juntando ao alto as mãos em prece.

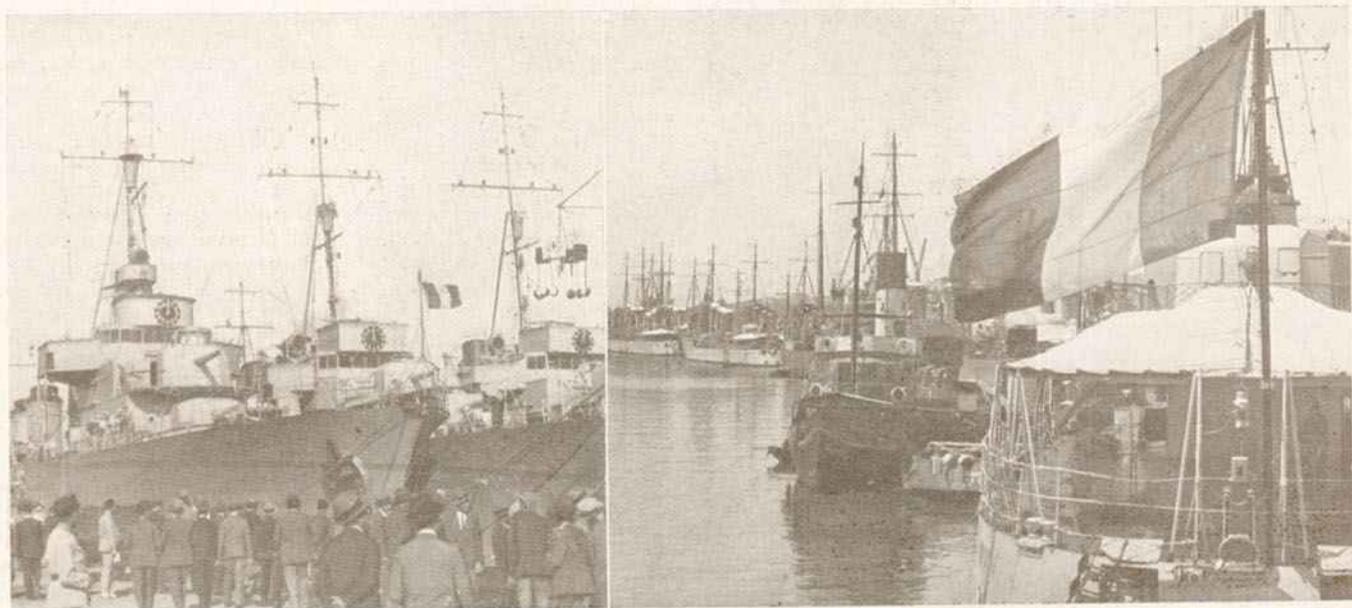
E, empregado tão belo motivo, de tanto encanto e vigor — quasi mágico, logo se adelgacaram as grossas, sombrias paredes dos templos cristãos, se rasgaram janelas altas e esguias, que se cobriram de iluminantes vidrais; se pde lavar a pedra, flamejar e florir as ogivas, fazer espigar o amparo recurvo dos arcos-botantes, e erguer a fina e elevada agulha das torres. E quem erigiu, rendilhou a pedra, fez flamejar as ogivas, iluminou as cênas evangélicas dos vidrais, ergueu até às nuvens os frágeis e anciosos campanários? Não se sabe. Dir-se-ia a crença una, de legiões de artistas anónimos, que ferverosamente se abrazaram nêsses versículos de marmore, e os elevaram como sublimes cânticos de pedra, para Deus!

Ao fim da tarde de 14 de agosto de 1385, quando um elegiaco pôr-do-sol se derramava como milagre celeste sobre os campos lusos de Aljubarrota, a flôr da cavalaria portuguesa, com seus denodados bêsteiros e comandada pelo moço cavaleiro Nuno Alvares Pereira, enfrentava mais do dôbro de castelanos, também com a sua melhor cavalaria, e chefiados pelo rei sequioso de vingar pelo extremínio de Portugal, desastres humilhantes, como o do cerco de Lisboa. Da parte lusa, a tão medieval ala dos namorados, do comando do jovem fidalgo Mem Ramires, correu ao primeiro embate com o inimigo, preparando a transcendente vitória dos portugueses. E, em acção de graças pelo triunfo confiado ao heroísmo da fé, numas varzeas cerca de Aljubarrota, mandou o rei D. João I, o ilustre filho de tristes amores régios, erguer à imagem e semelhança das melhores catedrais, êsse monumental cântico de pedra, que é o mosteiro de Santa Maria da Vitória — a Batalha!

Aleixo Ribeiro.

(Fotos de Francisco de Oliveira)

UMA ESQUADRA FRANCESA NO TEJO



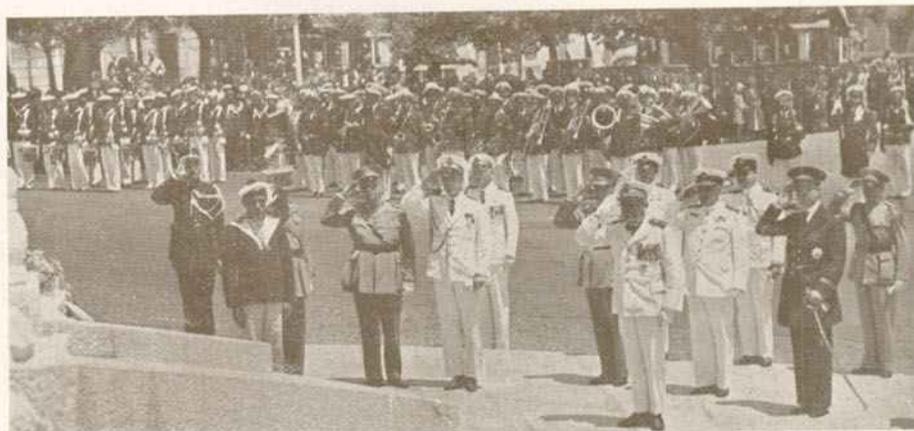
Na tarde do dia 9 entraram no Tejo duas divisões da segunda esquadra francesa, sob o comando do vice-almirante Drujon, constituídas por dezasseis unidades, a bordo das quais viajam cerca de três mil homens. Mal chegadas a Casilhas, voltaram de proa em direcção ao cais da Rocha de Conde de Obidos, tendo o navio-chefe atracado a muralha e os outros entrado na doca de Alcaintara. Só o transporte de aviões «Comandant Teste» ancorou no quadro dos navios de guerra nacionais, em frente do Terreiro do Paço



O cruzador «Lamotte Piquet» — navio chefe da esquadra — desloca 7.249 toneladas. A sua tripulação compõe-se de 27 oficiais e 551 marinheiros. O seu armamento é de 8 peças de 155 mm., 4 de 75 mm., anti-aéreas e 12 tubos lança-torpedos. A bordo, tem um hidro-avião, que é lançado por meio duma catapulta. Viaja a bordo o vice-almirante Drujon, comandante da esquadra, e o capitão Landrian, chefe do estado maior. Na gravura, vê-se o «Lamotte-Piquet», momentos antes de atracar ao cais da Rocha de Conde Obidos.



O vice-almirante Drujon, acompanhado do sr. Jesse Carely, ministro da França em Lisboa, e dos oficiais superiores da esquadra, esteve no próprio dia da chegada a Lisboa, no ministério da marinha, apresentando cumprimentos ao sr. comandante Mesquita Guimarães, titular daquela pasta e ministro interino dos estrangeiros. A suas ordens foi posto o 1.º tenente sr. Nuno de Ilhion



Na segunda-feira última, em nome da esquadra, o vice-almirante Drujon prestou homenagem aos portugueses que morreram na grande guerra. Junto do monumento da Avenida, encontravam-se um destacamento de caçadores 7 e forças da marinha francesa e portuguesa. O comandante da esquadra, surto no Tejo, deixou um grande ramo de flores vermelhas, brancas e azuis, na base do monumento. A gravura, mostra-nos a oficialidade francesa fazendo continência, perante a cerimónia

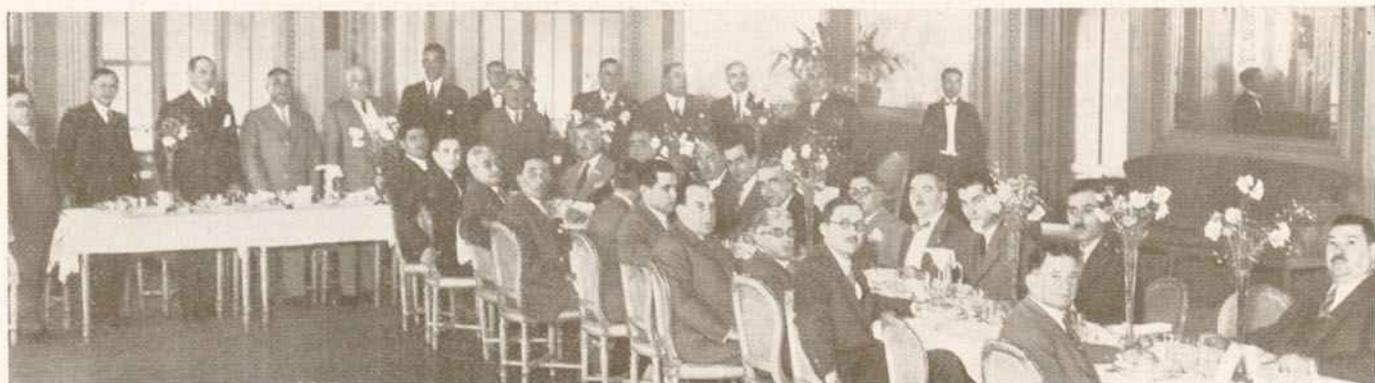


O comandante em chefe da esquadra, depondo o ramo de flores na base do monumento aos mortos da grande guerra, enquanto o tenente de corneteiros da marinha francesa tocava o célebre toque do «Sonneries aux morts»



FIGURAS E FACTOS

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL — O Chefe do Estado inaugurou há dias o 2.º ciclo da Exposição Industrial Portuguesa. O sr. general Carmona era aguardado à entrada do Parque Eduardo VII pelos ministros do Interior, Guerra e Comércio e sub-secretário do Estado da Agricultura, governadores civil e militar, presidente e vogais da Câmara Municipal, direcção da Associação Industrial e comissão administrativa da Exposição. A gravura mostra-nos o momento em que o presidente da República cortava, com uma tesoura de prata, a fita verde-rubra, que vedava o recinto. Em seguida, visitou diversos «stands» da Exposição.



DE MOÇAMBIQUE A LISBOA EM AVIÃO — Num dos restaurantes da capital realçou-se há dias um biquete de homenagem ao avião civil sr. Armando Torre do Vale, que, acompanhado pelo sr. Amadeu Miguel de Aranjó, fez o voo Lourenço Marques-Lisboa num pequeno avião. Trocaram-se amistosos brindes.



«BODAS DE PRATA» DO CURSO MÉDICO DE LISBOA DE 1908 — Os médicos do curso de 1908, da Escola Médica de Lisboa, festejaram há dias as «Bodas de prata». Depois da missa, reza da na igreja de S. Domingos, por alma dos condiscipulos falecidos, dirigiram-se à Faculdade de Medicina, onde junto ao monumento de Miguel Bombarda, inauguraram uma lápide com a seguinte inscrição: «A Faculdade de Medicina, em memória dos mestres e dos condiscipulos falecidos — o curso de 1908». Nessa cerimónia, falou o sr. dr. José Pontes, presidente da direcção do Sindicato dos Profissionais de Imprensa, em nome dos alunos daquele curso.

D. Amélia Cardia



AMÉLIA Cardia — um dos maiores nomes do meio médico — escreveu agora uma obra: «Visionário». Trata-se dum romance psico-ógico onde se estudam, as características do nosso meio social. Procura — diz a autora no prólogo — como aliaz, a todo o escritor da hora presente, orientar as vagas tumultuosas do pensamento incerto dos novos, empunhando o facho que deve iluminar a derrota a esses mareantes sem bussola.

Saúl de Almeida



VINDO do Rio de Janeiro, onde esteve durante oito anos, encontra-se de passagem em Lisboa, o artista decorador Saúl de Almeida, que trabalhou, com grande sucesso, não só em scenografia para os principais teatros da América do Sul, como em decorações de grandes estabelecimentos e Feiras Internacionais de Amostras. Saúl de Almeida, durante a sua estada entre nós, publicará uma obra literária intitulada: «O Brazil de minha filha», dedicada ao formidável esforço daquelle povo que elle considera a sua segunda pátria.

Aleixo Ribeiro



Os que trabalham pelos jornais e pelas revistas — nas suas horas de ócio — também vão escrevendo novelas e romances. Os seus nomes precisam ficar gravados sem ser no papel que se vende e se rasga. Está neste caso Aleixo Ribeiro, alma nova, entusiasmo ardente de escritor e que têm uma forma já muito sua de escrever. Publicou recentemente um romance: «Jogo de Damas». Título suggestivo e convidativo à leitura. Boa descrição, conflito cheio de imprevisto, vibração e interesse. O nosso brilhante colaborador escreveu um livro agradável de ler e que vai marcar na sua vida literária.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

O novo embaixador de Portugal em Londres



No «sud» do dia 8, partiu para Paris, donde seguirá para Londres, a fim de tomar parte na Conferência Económica Internacional, o sr. Rui Ulrich, novo embaixador de Portugal na Inglaterra, que se fez acompanhar, por sua esposa, a conhecida escritora D. Veva de Lima, e por sua filha. Na *gare* compareceram, além do ministro da marinha e interior dos estrangeiros, o representante do Chefe do Estado, muitos funcionários superiores da C. P. e do Banco de Portugal. Entre outras, encontravam-se na *gare* as seguintes pessoas: engenheiro Canele de Abreu, representante do ministro do Comércio, Indústria e Agricultura; dr. José Alçada Guimarães, representante do ministro da Justiça; embaixador da Inglaterra e conselheiro da embaixada; secretário da Legação de França; general Vicente de Freitas, almirante Magalhães Correia, comandante Filomeno da Câmara, coronel Vitorino Godinho, dr. Gonçalves Teixeira, dr. Balbino do Rego, dr. Adolfo Andrade, brigadeiro Silveira e Castro, coroneis Pina Lopes e Raúl Esteves, embaixador Luís Teixeira de Sampaio; major Frederico Vilar; drs. Nunes Mexia, José Almada, João Bianchi, Mário Tavares de Carvalho, Francisco Pais de Sande e Castro, Eduardo Pinto da Cunha, Matos Cid, Fernando Emídio da Silva, Francisco Rompana, João Ulrich, Miguel Trancoso, Pedro e Anibal Campinho, Alberto Xavier, Veiga Simões, Mário de Aguiar, Bustorff Silva e Oliveira Melo; Luis Gama, D. António Lavradio, Maia Cardoso; capitão Mário Costa; engenheiros Vasconcelos Correia, Ferreira de Mesquita, Francisco Lima, Sousa Rego, Branco Cabral e Lima Rego, cônego Manuel Anaquim, Francisco Pinto Molede, Armando Boaventura, actor Robles Monteiro e D. Amélia Rey Colaço, Guilherme, Eduardo Luis e Vasco Pinto Basto, José Maria Alvarez, Francisco Calheiros, Carlos Garcia Alves; dr. Azeredo Perdigão; Diniz de Almeida; condes de Nova Goa, Monte Real, de Seisal, etc.

Sociedade Nacional de Música de Câmara



No Salão do Conservatório realizou-se um festival comemorativo do centenário do nascimento de Johannes Brahms, tendo assistido os srs. ministros da Instrução, Interior, Guerra e Marinha. Compareceu também o sr. ministro da Alemanha em Portugal, que se vê ao centro da gravura, rodeado dos executantes. O concerto, que foi organizado pela Sociedade Nacional de Música de Câmara, foi aberto com algumas palavras pelo conhecido professor e compositor sr. Luis de Freitas Branco. Os executantes foram os professores Luis Barbosa, Joaquim de Carvalho, Fausto Caldeira, Filipe Lorient e as srs. D. Vvone Santos, D. Aida Caldeira, D. Carolina Peczenik e D. Sara Navarro Lopes.

Armando Ferreira



ARMANDO Ferreira — nosso antigo colega na imprensa e que se dedicou inteiramente ao género teatral — publicou agora, de colaboração com Abreu e Sousa, escritor humorístico de valor, um volume a que poz o título de «As trez pancadas». São 13 peças num acto — teatro para amadores. Episódios dramaticos, sentimentais, fantasias, farsas. Há de tudo... É um volume onde a graça e o espirito estão de mãos dadas com a espontaneidade e com a naturalidade. Já'gamos residir nestas palavras o seu elogio.

Fernando Bordalo Pinheiro



«Como se deve nadar» é o título dum estudo técnico sobre natação que o nosso presado amigo sr. Fernando Bordalo Pinheiro publicou e que agora saiu em 2.ª edição, depois de lhe ter introduzido alterações importantes. É um livro de grande utilidade que interessa sobremaneira, pelos seus conselhos salutaros, aos que se dedicam ao desporto da natação. Escrito em linguagem clara insere gráficos iludictivos.

Octávio de Medeiros



As glórias de Portugal mais uma vez são cantadas em verso — em verso sonoro, claro e limpo. Octávio de Medeiros — poeta dos que merece este nome — lançou no mercado um volume que vai ter êxito. Intitula-se: «Portugal nasceu dum beijo». É um poema histórico e didático e grande valor revela o seu autor. Todo o livro é um hino à terra portuguesa e tem páginas de grande emoção.



«Miss Itália, depois deita sobre Europa»

E agora, que a intimidade do lar elas, evocam o deslumbramento desses curtos dias, deixem que evocemos também recordações que essa embaixada de beleza por cá deixou.

Todas as *misses* falaram. Muitas delas falaram mesmo com essa visibilidade que será o último sinal aparente do sexo fraco no dia em que a moda das calças masculinas e do tabaco se tiver generalizado entre as mulheres.

As suas conversas poderia o menos avisado em psicologia extrair observações profundas e curiosos confrontos entre raças tão diferentes e temperamentos tão opostos como os de uma *miss* Noruega e uma *miss* Espanha.

Mas além disso, as suas opiniões tinham ainda o raro valor do provir de mulheres formosas. Depois de ouvir gerações inteiras de estadistas feios, de políticos desleigos e de feministas resacasadas, a imprensa tem o dever de escutar e compreender as beladíssimas surtidas nos casos dum concurso internacional de beleza.

Talvez haja mesmo ignoradas vantagens. Os antigos escolhiam para profetizas as mais belas mulheres, convencidos de que a Verdade só se fazia ouvir através de corpos formosos.

No caso presente a natural loquacidade feminina mais se desenvolveu ainda ante a curiosidade dos *repórteres* e dos indiseretos. E, como era natural, foram os homens, com suas qualidades e defeitos e nas suas relações com a mulher, o tema de quasi todas as suas conversas.

Algum se lembrou, por exemplo, de inquirir do grupo animado das *misses* qual o defeito mais atraente no homem.

— O egoísmo, respondeu sem hesitar *miss* Rússia. E explicou:

— É o que mais faz sofrer as mulheres, mas é também aquele a que estamos mais acostumadas e resignadas.

Miss Hungria e *miss* Inglaterra apreciaram nos homens um pouco de violência, de rudeza dignas.

Os ciúmes seduzem particularmente *miss* Escócia. Filha de regiões frias e ennevoadas onde os homens desconhecem as paixões ardentes, ela sonha com um desses homens meridionais, violentos nas afeições, cujo amor é um misto de prazer e sofrimento.

Miss Turquia confunde um defeito com um vício, e opta pelo tabaco. Depois de o ter visto alvo de tantas detractoras é agradável vêr assim rehabilitado o velho hábito de fumar.

Miss França e *miss* Alemanha, apesar das desinteligências que separam os seus respectivos países, mostram-se de perfeito acôrdo. O defeito que mais as seduz é a mentira. Mas não há maneira de lhes arrancar uma explicação satisfatória de tão singular preferência.

A perspicácia feminina têm a sua melhor representação em *miss* Noruega. E ouvindo formular a pergunta, logo ela responde:

— O melhor defeito do homem é a vaidade... E ante o natural espanto dos que a escutam, acrescenta:

— Sim, a vaidade. É um defeito que me seduz porque é precisamente o meio infalível que nós, as mulheres, temos para fazer dos homens o que nos dê na vontade.

— *Miss* Espanha, interrogada a seguir, diz:

— O defeito que me parece mais admissível num homem é que seja conquistador.

«Miss França e miss Noruega»

E isto vem confirmar que

O QUE PENSAM as "rainhas de beleza" da Europa dos homens, do amor e da moda

a mulher, seja portuguesa ou espanhola, sofre a necessidade de ter ciúmes e de perdoar.

A pergunta é por último feita a *miss* Bélgica:

— Há um defeito que para mim é uma verdadeira virtude — a fealdade.

E ao ouvir esta resposta pronta, muitos dos presentes enviaram à linda *miss* um olhar de reconhecimento como se tivessem achado de receber um cumprimento pessoal.

Outra pergunta circunloou pelo grupo irreprezível das beladíssimas:

— Qual é a qualidade que mais a aborrece ao homem?

— *Miss* Escócia toma a palavra:

— Para mim, a delicadeza...

— Que homem célebre escolheria para marido?

Miss Inglaterra, quasi sem ter que reflectir, deixou escapar um nome:

— Gandhi.

E antes que cessasse a sorridente indignação geral, *miss* Escócia dava o seu voto:

— Creio que — Paulino Uzcudun.

Miss Hungria que é de certo cinéfila, pronuncia-se a favor de Maurice Chevalier.

Por sua vez, *miss* Espanha declara:

— Pois eu escolho Araña.

E como se levantassem dúvidas sobre a veracidade desta opinião e sobre se a linda espanhola não confundiria as

PAISES	NOMES	IDADE	ALTURA	PÊSO	CABELO	OLHOS
Alemanha	Carla Hartman	23	m. 1,69	48	Louros	Azues
Bélgica	Simone Fraers	22	1,73	64	Castanhos	Pretos
Dinamarca	Karen Lowert	19	1,63	57	Louros	Claros
Escócia	Avia Talbot	22	1,75	62	Louros	Claros
Espanha	Emilia Doet	17	1,71	63,5	Castanhos	Pretos
França	Jacqueline Bertin	17	1,65	58	Louros	Azues
Hungria	Julia Gal	16	1,67	50	Castanhos	Pretos
Inglaterra	Angela Ward	18	1,70	60	Louros	Claros
Itália	Ivana Fusco	24	1,70	62	Pretos	Pretos
Noruega	Öndrun Rych	25	1,67	63	Castanhos	Azues
Roménia	Dina Mihalecu	18	1,65	60	Escuros	Claros
Rússia	Tatiana Marlov	19	1,70	60	Louros	Azues
Turquia	Nazire Hanem	21	1,64	59	Castanhos	Pretos
Jugo-Eslávia	Drágica Ugarkovitch	20	1,69	60	Castanhos	Pretos

E como alguém pusesse reparos:

— Quero dizer, a delicadeza excessiva.

A modestia teve a condenação de *miss* Rússia. E a completar o seu pensamento, a linda *miss* acrescentou:

— É uma qualidade que só me parece aceitável numa mulher.

Miss Hungria manifesta-se contra a inteligência. E a completar o seu pensamento, explica:

— Não me agrada que o homem procure humilhar a mulher com a sua superioridade intelectual, e isso é uma tendência muito frequente que só demasiado inteligentes.

A economia têm detractoras terríveis em *miss* Noruega e *miss* Bélgica.

— É uma qualidade detestável, diz *miss* Bélgica. E rege-nera tão facilmente na avareza!

Mas é a beleza que reúne o maior número de condenações. *Miss* França, *miss* Itália e *miss* Jugo-Eslávia vêem nela a qualidade mais odiosa no homem.

— Só as mulheres devem ser formosas, diz uma delas.

Haverá nisto um secreto recio de concórdia? Finalmente, *miss* Espanha pronuncia-se contra a singularidade. A sua resposta não é almal tão absurda como parece. Para uma mulher a sinceridade não é uma virtude é uma deslegrância.

Quis-se saber qual o homem célebre que maiores admirações reuniria neste grupo de mulheres belas. E alguém formulou a pergunta pitoresca:

— Que homem célebre escolheria para marido?

Miss Inglaterra, quasi sem ter que reflectir, deixou escapar um nome:

— Gandhi.

E antes que cessasse a sorridente indignação geral, *miss* Escócia dava o seu voto:

— Creio que — Paulino Uzcudun.

Miss Hungria que é de certo cinéfila, pronuncia-se a favor de Maurice Chevalier.

Por sua vez, *miss* Espanha declara:

— Pois eu escolho Araña.

E como se levantassem dúvidas sobre a veracidade desta opinião e sobre se a linda espanhola não confundiria as

crenças políticas com os seus sentimentos affectivos, logo ela acrescenta em rétorico:

— Azaña, sim... com toda a sua fealdade.

Quanto às restantes nada foi possível obter delas sobre tão singular pergunta. Os homens célebres não atraem as mulheres formosas. E muitas declaram com firmeza:

— Não me agradam os homens célebres. Nenhum me atrai. Não me parecem indicados para o matrimónio.

Estava esgotado, de momento, o assunto. Outra pergunta surgiu, quasi de seguida:

— Considera a sua beleza uma vantagem ou um inconveniente para o casamento?

Miss Escócia expõe a sua opinião:

— Um inconveniente.

— Porquê?

— Porque nos não permite ter absoluta confiança no amor do homem, que pode afinal ter tantos fins...

Miss França pensa do mesmo modo, mas por motivos diversos:

— É um inconveniente... porque excita os ciúmes do marido.

Miss Alemanha reflecte um pouco e diz:

— Para o homem que ama verdadeiramente não pode ser um inconveniente... mas não deve ser também uma vantagem.

Com um sorriso triste, *miss* Jugo-Eslávia responde:

— Não tinha ainda pensado nisso. É possível, de facto,

que a beleza tenha inconvenientes para o casamento... Já tem tantos!

Miss Rússia mostra-se mais optimista:

— Creio que a beleza na mulher é uma vantagem para tudo... até para o casamento.

Assim pensa também *miss* Bélgica, que responde com impeto:

— É uma vantagem, sem dúvida.

E a atenuar a sensação produzida:

— ...mas pequenissima.

A pergunta que se segue é meindrosa. E daquelas que vão levantar dúvidas angustiosas:

— Julga que o homem que ama continuaria a gostar de si, caso perdesse a sua beleza?

Miss Escócia mostra-se confiante:

— Estou certa que continuaria a gostar de mim.

— Gostaria de ter a prova?

— Para quê?

Como se vê ainda há homens que inspiram confiança.

Miss Jugo-Eslávia mostra-se cheia de inesperada amargura:

— Sim, é possível que um homem deixe de amar uma mulher porque ela perdeu a sua beleza. Nada me admira nos homens. Só bastante desavegoenhados para só saber apreciar numa mulher as suas qualidades físicas.

A resposta de *miss* Hungria vem repassada de indignação:

— Se deixasse de amar-me por um motivo desses, mereceria ser... guilhotinado.

Miss França têm uma resposta cheia de bom senso e observação:

— Não creio que deixasse de amar-me se eu perdesse a minha beleza. Mas um homem cansado de depressa de ter uma mulher feia. O perigo começa no momento em que ele se lembra do estabelecimento comparação.

A conversa declina (agora) para as modas — a mais importante preocupação feminina depois (ou talvez mesmo antes) do homem. Fala-se de cabelos compridos e cabelos curtos. E verifica-se esta coisa extraordinária: entre tantas mulheres jovens e formosas há ainda quem deicienda os cabelos compridos.

Miss Noruega é uma delas. As suas tranças lá estão a atear-se. E com ela concordam *miss* Roménia, *miss* Rússia, *miss* Bélgica e *miss* Alemanha. Formidável libelo contra os cabelos curtos, vindo donde menos se poderia esperar! Querê isto dizer que ainda veremos um dia o regresso à moda dos longos cabelos enrolados em diffícees construções no alto da cabeça?

A moda das calças masculinas, que a América há pouco ainda pretendeu implantar, provoca geral indignação. Só *miss* Roménia têm para a ideia um pouco de condescendência:

— As calças! Não é uma ideia completamente desaproveitável. Talvez nos ajudasse a libertarmos-nos da tirania dos homens.

Miss Alemanha mostra-se indulgente:

— Calças? Sãas! Que cada qual use o que gostar.

Quanto às restantes, como dissemos, a ideia só lhes provoca indignação. Todas a repelem certas de que isso as faria perder a feminilidade. E só uma outra transige com o pijama de prala, como única forma de usar calças sem prejudicar a fragilidade do sexo.

E disto se deriva para a moda masculina. *Miss* Noruega é a primeira a depôr:

— Concordo com as modas masculinas sempre que não sejam ridiculas, afirma ella peremptoria.

Miss Dinamarca especifica um pouco mais:

— Para os homens prece-



nizo o uso mais frequente do traje desportivo. E o que mais me agrada.

A resposta de *miss* Jugo-Eslávia é desanimadora para os elegantes:

— Ora! O traje dos homens!... interessa-me muito pouco.

Miss Hungria é partidária duma transformação da moda actual:

— Não me parece difficil modificar a moda masculina.

E acrescenta, com encantadora impertinência:

— Qualquer outra havia de resultar, por certo, menos ridicula que a actual.

Miss Inglaterra entende que se devia generalisar o uso das calças de *girl*.

Miss Rússia partilha do desinteresse de *miss* Jugo-Eslávia:

— Não me interessam as modas masculinas, afirma ella com tranquillo desden.

A moda do bigode tem duas adversárias decididas em *miss* Espanha e *miss* Bélgica. Esse pequeno ornamento capilar, que em tempos distantes fez o encanto de tanta mulher, parece, pois, condenado a desaparecer no dia em que os últimos galãs do cinema succumbirem a essa imposição do mundo feminino.

Tais são as opiniões que exprimiram sobre estes importantes problemas as lindas *misses* que vieram de longada até ao nosso país, trazendo dos confines da Europa um perfume suave de mocidade e beleza.



«Misses Roménia e miss Noruega»



Entre amigas :

— O meu primeiro marido esbofeteava-me, o segundo arrancava-me os cabelos e o terceiro partiu-me um braço.
— Mas que fazias tu para êles te tratarem dessa maneira?
— Gostava de os fazer sofrer.

O amo — Apagou a lampada do escritório?
O criado — Apaguei, sim senhor.
O amo — Tem a certeza?
O criado — Absoluta. Se até acendi a luz para vêr se ela estava apagada...

Num baile :

— Linda festa, não é verdade, condessa?
— Encantadora!
— Gosta de dançar?
— Muito!
— Então, porque não aprende?

Discute-se a diferença que existe entre as palavras: *acidente* e *desgraça*.

— Vou dar-lhes um exemplo que determina, duma forma categórica, a diferença entre as duas palavras. Suponham que vão a bordo, com a família, e que a sogra cai ao mar; é um *acidente*. Mas suponham, que um marinheiro se atira à água, e a salva; isso é que é uma *desgraça*.

Entre amigos :

— É muito difícil encontrar uma mulher que faça a nossa felicidade.
— Encontrei uma.
— Sim?!
— Esteve para casar comigo e acabou por se casar com outro...

Numa relojoaria :

O freguez — Quanto custa êste relógio?
O relojoeiro — Cem mil réis.
O freguez (falando com os seus botões),
Pede cem — porque o dará por oitenta; de maneira que não valerá mais do que quarenta. Vou oferecer-lhe vinte.

— Perdi a sorte grande por um número.
— Em que número saiu?
— No número um.
— E tu tinhas o número dois?
— Não. Eu não tinha jogado.

— O que me partiu os dentes caiu-me aos pés.
— E quem te partiu os dentes?
— Um tijôlo.

O prior duma freguezia da província chamou os paroquianos e disse-lhes:

— O telhado da igreja tem um buraco por onde entra a água. É preciso que todos dêem alguma coisa para o concerto.
— Pode contar com o meu trabalho, disse um.

— Mas tu não és pedreiro nem carpinteiro?...
— Não importa. Domingo, se chover à hora da missa, vou para o telhado e sento-me em cima do buraco.

Um bebado é assaltado na estrada por um larápio:

— As mãos no ar, diz o gatuno.
— O quê? O cavalheiro vai roubar-me?
— As mãos no ar!
— Olhe, roube-me o que quizer, agora o que eu não posso é pôr as mãos no ar.
— Porquê?
— Porque um colega seu, ainda não há cinco minutos, roubou-me os suspensórios.

— Encontrei agora um sujeito que me disse que eu me parecia muito contigo.

— Onde está êsse sujeito que lhe quero partir a cara?
— Já eu lh'a parti.

Num collegio :

O professor — Hoje vou explicar o que é um intrujão. Com certeza que já todos leram o décimo nono capítulo do meu

livro intitulado «A Maldade». Quem já leu êsse capítulo levanta o braço.

Todos os alunos levantam o braço.
O professor — Já vejo que são todos intrujões porque o meu livro só tem desoito capítulos.

Num barbeiro :

— O senhor nunca mais acaba de me fazer a barba.
— Porquê?
— Porque leva tanto tempo com a escanhoadêla, que quando a acaba dum lado já a barba cresceu do outro.

O Lopes tinha uma criada que sofria horrivelmente dos dentes. Levou-a a um dentista e êste declarou que o único remédio era arrancar-lhe todos.

— Está bem, disse o Lopes, como se trata duma velha criada que muito estimo queira fazer o tratamento que achar conveniente.

E o dentista fez a extração de todos os dentes.

Quando chegaram a casa o Lopes declarou à serva que não estivesse desconsolada porque lhe mandaria pôr uns dentes postiços.

— Para quê, atalhou ela, se calhar tornam a cair. Isto é de familia...

— Em que pensas?
— Não penso em nada. Estou a reflectir...

Um judeu resolveu matar-se e foi comprar um revólver a prestações.

No oculista :

— E o senhor garante que esta lente aumenta dez vezes?
— Absolutamente.
— Então ponha aqui debaixo uma nota de cinco mil réis a ver se aparecem cinquenta.

ESTÁ actualmente em exibição nos cinemas de Paris o primeiro filme interpretado pelo americano Buster Crabbe, campeão olímpico de natação em Los Angeles, vencedor da corrida de quatrocentos metros em estilo livre. A película intitula-se «Kaspa, o rei da Selva» e, na opinião dos criticos, o trabalho do novo actor cinematografico não ofusca a sua fama de nadador, mas tambem nada tem que desagrade aos espectadores.

O desporto apresenta-se-nos uma vez mais como um ottimo introductor nas falanges das estrelas cinematograficas, permitindo alcançar rapidamente situações de destaque, a homens que para elas não possuíam a minima preparação artistica.

Antes de Crabbe, tivemos o exemplo de Weissmuller, um outro campeão olímpico de natação, cujo Tarzan foi devidamente apreciado pelo publico lisboeta e, antes ainda, as tentativas menos concludentes do pugilista Jack Dempsey, o maior distribuidor de socos de todos os tempos, e do recordman da velocidade Paddock, figura maxima dos jogos de 1920.

Em França tambem o desporto foi chamado a servir a arte da fotografia animada, embora com características diferentes, de ordem tecnica.

Estão neste caso as produções, desconhecidas em Portugal, de Taxis sobre a natação, Ladoumègue na corrida a pé, e Cochet para o tennis.

Ninguém desconhece a importância assumida pela propaganda da educação física e do desporto na obra do renascimento fascista na Italia. O apoio fornecido pelo Estado abrange por assim dizer toda a organização nacional do



A QUINZENA DESPORTIVA

desporto, assumindo-lhe a direcção, patrocinando as suas manifestações, subvencionando as entidades orientadoras, edificando por todo o paiz, terrenos, campos, piscinas e estadios, entre os quais figura como obra maxima representativa, o Forum Mussolini, na cidade do Tibre.

O regime fascista pretende construir ao lado da Roma antiga e medieval, uma terceira Roma, a capital condigna do seculo xx.

Foram elaborados projectos fantasticos, que se encontram já em via de realisação nas edificações do bairro monumental do Monte Mario, cuja joia será o Forum Mussolini.

Embora não esteja ainda concluido, apresenta-nos terminado um enorme estadio, o mais belo, o mais harmonioso, o mais sumptuoso que é possivel imaginar.

Destacando-se no fundo verde das colinas visinhas, um anel de alvos e

simples degraus de marmore, dominados a toda a volta por uma série de magnificas estatuas de atletas nus, personificando os diferentes desportos.

A' sua volta uma profusão de terrenos adaptados à gymnastica e providos dos mais variados aparelhos; outros destinados aos jogos de equipe, etc. Proximo do grande estadio que se reserva às competições de vulto, um outro recinto relvado é consagrado às crianças das escolas.

Ao fundo do terreno levanta-se a Academia Fascista de Educação Física, edificio de formosa arquitectura e de onde sairão os futuros professores, providos de todos os conhecimentos desejaveis para colaborar na cultura física e desportiva da nação.

Esta Escola foi construída em obediência a todas as exigências modernas e, à vida escolar dos alunos nela matriculados, nada faltará para que o aproveitamento seja maximo e a estadia aprazivel.

Assim se prepara o robustecimento das futuras gerações italianas e se incute no espirito da mocidade o gosto pelo exercicio e pela actividade física, esteio da futura existência social do país. Com vista a quem de direito.

Madrid assistiu há poucos dias a um campeonato da Europa de box que lhe foi particularmente grato; o basco Paulino Uzcudun, regressado desiludido das



Paulino-Pierre Charles combatendo em Madrid



Um ataque de Paulino que alcança em cheio o adversário

A sr.ª Bela de Pons, vencedora do campeonato de Espanha, na verdade bela no nome e na pessoa

terras americanas, disputou ao belga Pierre Charles o título de campeão da Europa em tôdas as categorias. Vinte mil pessoas aplaudiram com entusiasmo a vitória do seu favorito, que não pode ser considerado uma revelação, e recupera um trofeu que já há uns bons dez anos lhe pertencera. Parece contudo, pela leitura dos críticos mais desapaixonados, que a superioridade de Paulino sôbre Charles foi muito pouco acentuada, deixando-nos antever que, em país neutro, a decisão do árbitro teria talvez proclamado o «match» nulo. Os dois juizes, espanhol e belga, deram, nos seus boletins, a vitória, cada um deles ao seu compatriota e foi o suíço Duvernaz que decidiu a favor de Paulino.

A superioridade técnica de Charles é quasi geralmente reconhecida, mas a eficiência combativa do adversário foi muito mais considerável e isso lhe valeu a decisão final. Pretendente em vão

ao título de campeão mundial, o antigo rachador de árvores, colhe no declinar da sua carreira pugilística, uma corôa menos brilhante, mas ainda assim invejável.

Não podemos prevêr quanto tempo a conservará, mas ocorre-nos que existe na Alemanha um tal Schmeling ao qual seria fácil destruir-lhe as deradeiras ilusões.

Os cavaleiros

portugueses encerraram no Concurso de Madrid a sua época internacional, triunfando com nitidez na prova da «Taça de Ouro» da Península, marcando sôbre os competidores espanhóis uma diferença de onze para vinte pontos.

Concorrendo aos concursos de Nice, depois de Roma, e finalmente da capital vizinha, a equipe militar portuguesa, classificou-se sempre da maneira condigna, honrando as gloriosas tradições do hipismo nacional.

Em retribuição da visita agora feita, uma forte equipe espanhola veio tomar parte nas diferentes provas do concurso de Lisboa, onde a luta com os nossos melhores cavaleiros está revestindo este ano um particular interesse.

Oxalá a vitória seja para nós complacente.

Prefaciado por Jean Giraudoux acaba de ser publicado em Paris um livro consagrado à «Gloria do Foot-ball» e onde se encontram reunidos os mais notáveis artigos ou novelas tomando como base o popular jôgo, da autoria de consagrados escritores do meio literário francês.

A obra é interessante para qualquer, mas merece sobretudo ser lida por aqueles que a paixão do desporto dominou, e o apreciam com a elevação moral das suas virtudes cívicas e das suas belezas espirituais.

Das suas páginas extraímos os conceitos que seguem, princípios de uma nova filosofia, à base do desporto:

«Mais do que rei dos desportos, o foot-ball é o rei dos jogos. Todos os grandes jogos do homem utilizam uma bola, quer se trate do tennnis, da pelota

«É justo apregoar a virtude pacificadora, a missão fraternizadora do belo jôgo da bola redonda, — pensando nas dezenas de povos que, por intermédio dos encontros de foot-ball ardorosamente disputados, acabaram por conhecer-se, começaram apreciando-se — e de apreciar-se a estimar-se não dista mais do que um pequeno passo fácil de transpôr.» (Marcel Berger).

«No foot-ball ninguém tem autoridade para exercer justiça pelas suas próprias mãos.» (M. Pfefferkorn).

«De todos os espectáculos oferecidos ao público do século XX, provavelmente nenhum reunirá, numa atmosfera mais purificadora, um maior número de indi-

viduos de tôdas as classes e de tôdas as nações, comungando de forma tão íntima, tão familiar.» (J. Jolion).

A atenção de todos os desportistas portugueses viveu estas semanas concentrada nos encontros relativos aos quartos de final do campeonato nacional de foot-ball.

Foram quinze dias de ansiedade, desde o domingo fatídico em que as aspirações do campeão de Lisboa ruíram estrondosamente no

campo do Ameal, até domingo passado, o termo fatídico de tôdas as esperanças.

Batido o Benfica por um número de bolas, oito, que lhe destruiu tôdas as esperanças de salvamento; posto em sério perigo o Belenenses pelos pseudo-lisboetas do Barreiro; indecisa a luta entre o Sporting e o campeão da Madeira, a população da capital esperou com angústia o passado dia onze para conhecer o seu destino, um destino que poderia ter sido trágico, pela eliminação completa e prematura dos seus legítimos representantes na prova máxima do foot-ball português, onde sempre tem marcado um lugar preponderante.

Salazar Carreira.



Um lindo aspecto do Forum Mussolini, em Roma

basca ou do bilhar. A bola é, na vida, aquilo que mais se esquivava às leis da vida. Tem, sôbre a terra, a extraterritorialidade de um bôlido domesticado. O foot-ball deve a sua universal divulgação ao facto de haver conseguido dar à bola o máximo realce. A equipe de foot-ball é o muro da pelota súbitamente inteligente, a tabela do bilhar dotada de génio próprio. Além das suas virtudes de elasticidade e de independência, a equipe fornece à bola um motor de onze malícias, de onze imaginações.» (Jean Giraudoux).

«Na vida, como no foot-ball, temos dois únicos caminhos a seguir: ou penetrar no terreno, juntando-nos decididamente aos jogadores, ou ficar na tribuna com os espectadores que olham passivos e que aplaudem.» (Barão de Coubertin).

A "QUEIMA DAS FITAS" EM COIMBRA



A passagem do cortejo académico na rua Visconde da Luz fez-se com dificuldade. A multidão ocupava toda a rua e as janelas estavam apinhadas de gente.

A festa da «Queima das Fitas» revestiu este ano, em Coimbra, desusada animação. A academia coimbrã encheu de alegria durante alguns dias, a linda cidade. Houve o tradicional cortejo académico. As ruas do percurso encheram-se de povo. Dificilmente se rompia. O cortejo abriu com um engraçadíssimo carro de caloiros intitulado «Tobis-Kaloiros-Filme», com magníficas caricaturas de vários lentes de Direito, em traços femininos. Seguiam-se dois carros, também de caloiros, puxados por bois e ornamentados com chifres. Depois iam os carros dos quintanistas, a começar por uma leve e graciosa «charge», intitulada «José Alberto (Rex) — o reformador».

Seguiam-se os carros: «Como elas se armam...», «Mar de ridiculos — Os meus Vasconcelos», a «Harmonia da Faculdade de Medicina», «Yo-Yo», o «O Dragão», «Como os tempos mudam», «Caveira», «A Casa dos Amores», o «Não é o do dr. Manuel Braga», carro alusivo aos patos da alameda Júlio Henriques, que há tempo pretenderam, numa partida académica, tirar à Comissão de Turismo; «O Besouro»; «Ao que nós chegámos»; «Crime de fogo posto»; «Pro-Pax»; «Rocha Brito e a lepra»; «Astronomia» e «Pasta de Medicina».

O júri, constituído por Mme. e Mlle. Duarte de Oliveira, D. Maria Joana Sanches de Moraes Raposo, Mme. Fesas Vital, D. Raquel Jardim e drs. Fesas Vital, Maximino Orreia, Carlos Moreira e José Neves, conferiu os seguintes prémios: 1.º «Caveira» (medicina); 2.º «Dragão» (medicina); 3.º «Pato» (medicina) e «Corações» (direito).



Aspecto do Salão Académico — o IV Salão dos Estudantes de Coimbra — onde se viam quadros a óleo, a pastel, aguarelas e caricaturas, alguns de grande valor.



Entre os carros que tomaram parte no cortejo, figurava o da «Severa» que foi muito aplaudido durante todo o percurso, pois que os estudantes iam cantando o fado.



Um dos carros dos estudantes da Faculdade de Ciências que melhor se apresentou no cortejo.



Três novos doutores da «fornada» deste ano, abriam o cortejo cantando em altos berros...

Festas de caridade

TOURADA POR AMADORES

No domingo realisa-se na praça de touros do Campo Pequeno, uma interessante corrida de touros, em que tomam parte distintos amadores espanhóis e portugueses, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que fazem parte D. Assunção Moraes de los Rios da Câmara, D. Carlota da Cunha e Menezes da Câmara, condessa de Almoester, condessa de Avilez (D. Virginia) condessa de Castro, condessa de Monte Real, condessa da Torre, D. Eugénia Manoel (Atalaia), D. Helena de Moura, D. Maria da Conceição de Melo Schiappa de Azevedo, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patricio, D. Maria Luísa de Magalhães Coutinho da Câmara, D. Maria de Santana Benard Guedes, D. Mecia Mousinho de Albuquerque, tendo como auxiliares os srs. conde de Mafra e dr. Francisco Benard Guedes. O producto, revertirá a favor do fundo da luta contra o cancro.

NO CINEMA CONDES

Na tarde de 7 realizou-se no Cinema Condes, uma interessante «matinée» de caridade, que decorreu com muita animação, deixando o programa uma agradável impressão na selecta assistência que enchia por completo a linda sala de espectáculo.

Levou a efeito esta bela festa de caridade, cujo producto se destinava a socorrer uma família necessitada, uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte as sr.^{as}: D. Branca Machado de Carvalho Ferreira, Condessa de Estarreja, Condessa da Serra de Tourega, D. Elísa Carneiro Bordoal Pinheiro, D. Guilhermina de Aragão e Brito, D. Ilda Nunes Coelho Pery de Linde, D. Maria Amélia Teixeira Bastos, D. Maria da Assunção Possolo Pellen, D. Maria Helena Burguete Mousinho de Albuquerque, D. Maria Luísa da Costa Cabral Metzner, D. Maria Pellen Campos de Andrade e D. Ofelia Freire Corrêa, senhora que tinha seu cargo a elaboração do programa de concerto.

NO MIRADOURO DE SANTA LUZIA

Por iniciativa da sr.^a D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patricio, realizou-se na tarde e noite do dia 8, no lindo Miradouro de Santa Luzia, um «Arraial popular», cujo produto se destinava a várias obras de beneficência patrocinadas por uma comissão organizadora que era formada por senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Adelina Santos, D. Ana de Foyos e Freitas, D. Ana Teles da Silva (Tarouca), D. Beatriz Viveiros Pereira, D. Berta Ortigão Ramos, Condessa da Torre, Duquesa de Palmela, D. Eugénia de Sousa Holstein Brandão de Melo, D. Helena de Moura, D. Honatina de Morais Graça, D. Luísa de Crnelas Tomás Aresta, D. Margarida Teles da Silva Roque de Pinho, D. Mariana Souto Pimentel, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria do Carmo de Abreu Peixoto, D. Maria de Carvalho, D. Maria da Conceição da Graça Van-Zeller, D. Maria Cristina de Guimarães Rino, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. Maria Len-

VIDA ELEGANTE

castre Van-Zeller, D. Maria Luísa de Magalhães Coutinho da Câmara, D. Maria Rio de Carvalho, D. Rita Ferrão de Mascarenhas e D. Sára da Mota Vieira Marques.

Houve venda de rifas, de «chá» e de refrescos, fados por autênticos fadistas, que eram acompanhados a guitarras e violas por tocadores consagrados de Alfama, que receberam da selecta assistência, que enchia o lindo local, fartos aplausos.

Casamentos

Na capela do palácio dos srs. condes da Póvoa, à rua do Sol, ao Rato, realizou-se o casamento de sua irmã e cunhada sr.^a D. Tereza Pinheiro de Melo (Arnos), gentil filha da sr.^a condessa de Arnoso (D. Matilde) e do saudoso conde do mesmo título, com o sr. Eduardo Anjos Ramos de Magalhães, filho da sr.^a D. Palmira Anjos Ramos de Magalhães e do sr. Tristão Ramos de Faria e Magalhães, já falecido.

Foram madrinhas as sr.^{as} condessa da Póvoa e D. Maria Luísa Pinheiro de Melo e padrinhos os srs. Artur Ramos de Faria e Magalhães e Filipe Reynolds de Sousa. Celebrou a acto religioso, o prior de Santa Isabel, reverendo dr. Álvaro dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido valiosas prendas.



A sr.^a D. Tereza Pinheiro de Melo (Arnos) e o Eduardo Anjos Magalhães, por ocasião do seu casamento celebrado na capela do palácio dos srs. Condes da Póvoa

— Realizou-se na paróquia de Santa Isabel, o casamento da sr.^a D. Maria Júlia Nobrega Pereira, interessante filha do falecido oficial da armada sr. Júlio César de Nobrega Pereira, com o sr. Jorge Cordeiro Blanco.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Leonor de Nobrega Pereira Bettencourt da Câmara, tia da noiva e D. Maria Cordeiro Blanco, mãe do noivo e de padrinhos os srs. Henrique Tristão Bettencourt da Câmara, tio da noiva e dr. José Cordeiro Blanco, irmão do noivo.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo prior da freguesia sr. dr. Alvaro dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa foi servido na elegante residência dos tios e padrinhos da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento para seu filho José Francisco, chefe da tesouraria da Câmara Municipal do Barreiro, pelo sr. Francisco Ferreira, a sr.^a D. Maria Emília Correia da Costa, gentil irmã do escriptor sr. Correia da Costa, antigo consul de Portugal, em Nápoles.

A cerimónia realizar-se-há por todo o ano corrente.

— Sendo celebrante o reverendo prior da freguesia, cônego dr. Martins Pontes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.^a D. Maria da Assumpção Marques da Silva, interessante filha da sr.^a D. Luísa Maria da Silva e do sr. António Marques da Silva, já falecido com o sr. Manuel Lucas Martins, filho da sr.^a D. Joaquina Martins e do sr. João Lucas Martins, já falecido.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Ana Vieira Rosa Serra e D. Izaura Amélia Alves Diniz e padrinhos os srs. Joaquim Nunes Vieira Rosa e Adelino Alves Diniz.

Findo o acto religioso, foi servido na residência dos padrinhos da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para as Pedras Salgadas, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Em Gouveia, realizou-se na igreja de S. Pedro, o casamento da sr.^a D. Maria da Assunção de Melo Machado de Albuquerque Côrte Real, interessante filha da sr.^a D. Maria Joana Carreira de Melo Machado de Albuquerque Côrte Real, e do digníssimo delegado do Procurador da República, sr. dr. João de Melo Machado Albuquerque Côrte Real, com o sr. dr. João Gonçalves Dias, filho da sr.^a D. Rosa Nunes do Rosário Gonçalves Dias, e do sr. Jerónimo Gonçalves Dias, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

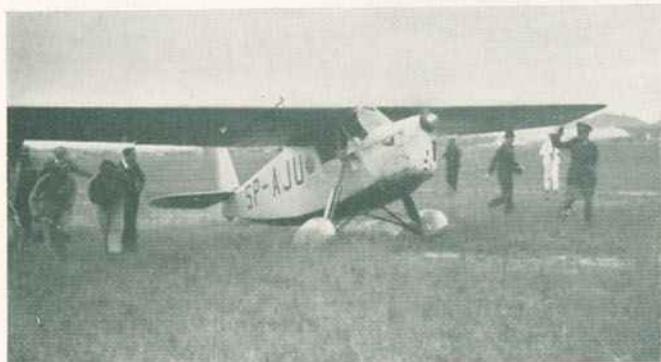
Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Para seu sobrinho o sr. Carlos Tavares, filho da sr.^a D. Augusta Brito Tavares, e do sr. Augusto Pereira Tavares, foi pedida em casamento pelo sr. Carlos Tavares, a sr.^a D. Maria Emília Palhares, gentil filha da sr.^a D. Emília Palhares e do sr. Júlio Palhares.

A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

D. Nuno.

O QUE VAI PELO BRASIL



A TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO. — O aviador polaco Skarzynski estabeleceu um novo recôrde de aviação, atravessando o Atlântico do Sul — S. Luiz do Senegal a Macetê — em 17 horas, num pequeno aparelho dum motor de 250 H. P. As gravuras mostram-nos o avião ao aterrar no Rio de Janeiro e a saudação que o piloto recebeu do ministro da Polónia no Brazil. O raid foi de Varsóvia a capital brasileira.



«MISS» RIO DE JANEIRO. — Num dos teatros da capital brasileira, effectuou-se a eleição de «miss» Rio de Janeiro. O título foi concedido a sr. D. Julietta Nasser Mansur, que se vê na gravura, rodeada das suas princesas e duquesas que a estão coroando.



AS MULHERES E O «SPORT». — As últimas provas náuticas realizadas no Rio de Janeiro assistiram milhares de pessoas. Na gravura vêem-se as nadadoras que obtiveram as primeiras classificações e que o publico ovacionou delirantemente.



O AMOR À TERRA. — João de Lima, 68 anos, vinha há mais de vinte cultivando um pedaço de terra que supunha pertencer-lhe. O verdadeiro proprietário levou o caso para os tribunais. A justiça ordenou um mandado de despejo a João Lima. Este resistiu a todas as ordens recebidas. Teve de intervir a policia, que foi recebida a tiro. O velho defendeu a sua terra com denodo. Atacaram a casa onde se refugiou, quinze guardas. So por meios pacíficos se conseguiu convencê-lo. A esquerda, vê-se João de Lima a caminho da prisão. Da refrega resultou feridos sete policias. O velho so deixou de fazer fogo quando se lhe acabaram as munições.



A Figueira da Foz dedicou sempre um carinho especial à causa da Instrução Popular, quer devido ao esforço público, quer através das inúmeras instituições particulares que pululam por todos os cantos deste privilegiado concelho, em matéria associativa.

No combate ao analfabetismo e na preparação da mocidade para as lides académicas, em busca dum curso superior, conquistou esta cidade, desde há muito, um lugar de destaque, sem que jamais o desânimo se apossasse dos impulsionadores de tarefa tão meritória, de alcance social manifesto e incontroverso.

O ensino particular, marcando uma afirmação curiosa de vitalidade, sem de forma alguma invadir, ou contrariar, a acção das escolas oficiais, antes cooperando com elas, todos os anos se revigora e se aperfeiçoa, oferecendo ao público indícios de reais progressos, que felizmente não passam despercebidos.

De entre os estabelecimentos de ensino particular deste concelho, em que se ministra Instrução Primária e Secundária, é lícito destacar a "Academia Figueirense", instalada em edifício privativo, convenientemente adaptado.

Iniciativa de três figueirenses, conta este colégio mais de uma dezena de anos, com resultados magníficos, traduzidos num aumento constante de frequência. A amplidão das salas, o processo de ven-

A INSTRUÇÃO na Figueira da Foz

tilação, a abundância de luz, a eficiência e qualidade do material didático, o conforto e a higiene que ressaltam dum visita circunstanciada a tôdas as suas dependências, levam ao espírito de todos a convicção de que se está perante uma obra pensada, baseada em moldes pré-estabelecidos, e decalcada nos mais hodiernos processos pedagógicos.

Foi esta, pelo menos, a impressão geral colhida de centenas de pessoas que nos fins de abril acorreram à sede da "Academia Figueirense", onde se realizaram umas interessantes festas, promovidas pelos alunos.

Durante três dias, uma alegria esfusiante, saudável, campeou nêsse colégio, não pelas diversões em si, mas muito principalmente pelas manifestações de aplauso e incitamento que alunos e professores receberam dos visitantes, manifestações aliás justas, porquanto à organização do programa, variado e cumprido na integra, presidiu o desejo de evidenciar o objectivo máximo dos institutos educativos.

De facto, recitativos em português, latim, francês e inglês até à brilhante conferência do ilustre professor da Universidade de Coimbra, sr. dr. Joaquim de

Carvalho, o programa prestigiou mais, se é possível, o Colégio.

Os trabalhos escolares expostos — de geografia, de desenho rigoroso e artístico, zoologia e botânica — prenderam a atenção dos visitantes, sendo unânimes os louvores pela perfeição que revelavam, tanto mais quanto é certo que todos, sem excepção, assumiam uma característica flangrantemente prática, de assuntos versados nas aulas.

As fotografias que ilustram esta notícia, despida em absoluto de qualquer réclamo, atestam e documentam o esforço dos proprietários da Academia Figueirense, que, quando outras referências elogiosas não merecessem, conquistaram o direito à estima dos conterrâneos pelo facto de admitirem gratuitamente alunos pobres, de preferência órfãos ou filhos de combatentes da Grande Guerra, os quais no ano lectivo corrente atingem uma elevada percentagem, com certeza nunca excedida, ou sequer igualada, em estabelecimentos de ensino.

Pode, pois, este concelho vangloriar-se de possuir uma fôlha de serviços relevantes à causa da Instrução, mantendo-se na vanguarda das hostes que combatem sem tréguas uma das enfermidades que mais nos deprimem perante o mundo civilizado — o analfabetismo.

Coelho de Almeida.



EM CIMA: Os alunos que frequentaram os vários cursos da Academia Figueirense durante o ano 1923-24. EM BAIXO: A mesa da presidência e o orfédo num dos dias das festas, que se efectuaram durante o mês de abril deste ano.

A graça alheia



O IÊU QUE ACABA DE SER ABSOLVIDO:
— EU PEÇO DESCULPA AOS RESERVORES JUIZES. AFINAL, FUI INCOMODAL OS PARA NADA...

Moeda francesa



FORAM postas em circulação em França moedas novas de 10 e 20 francos. Vêm substituir as notas de igual quantia. São de prata.

O circuito de Paris



A chegada dos corredores do circuito de Paris levou ao «Parc des Princes» milhares de pessoas. A multidão aclamou Paul Chocque — o vencedor — ao entrar na pista.

A graça alheia



— SABES DO QUE ELE MORREU?
— SEI LÁ, EU NEM SEI DO QUE ELE VIVIA!

PELO MUNDO FÓRA

O traje masculino em Inglaterra



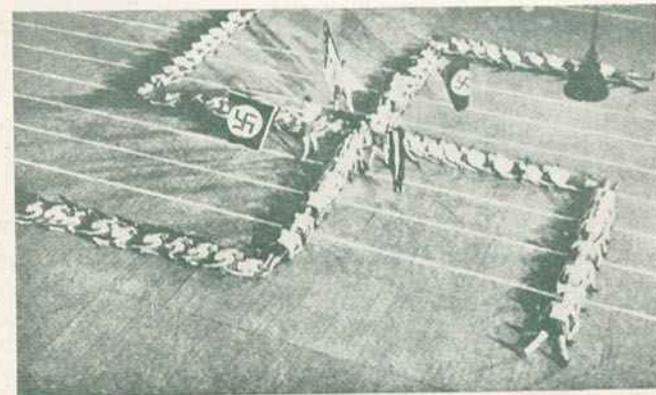
MARLÈNE Dietrich trouxe para a Europa o uso do traje masculino. Dia a dia — e então agora durante o verão — a moda vai alastrando. Nas praias inglesas — e principalmente na de Brighton — é rara a rapariga que não anda vestida de homem. Eis um grupo alegre e despreocupado proclamando a «moda masculina».

A França não esquece Sarah Bernhardt



Por ocasião do 10.º aniversário da morte de Sarah Bernhardt um grupo de artistas visitou o túmulo da grande trágica. O actor Stéphane Audel, do «Théâtre Odéon», leu uma poesia alusiva ao acto.

O desporto na Alemanha e Hitler



DURANTE uma festa desportiva em Berlim, com atletas, deitados sobre a relva, fizeram com os corpos, a cruz, distintivo dos «nazis».

A graça alheia



UM DUELO AO «PING PONG»:
— SEMPRE TIVE A MESMA OPINIÃO: O DUELO NÃO DEVIA DEIXAR NINGUÉM FERIDO...

Sem «vertigens...»



Um jovem atleta francês — que, com certeza não acredita que haja quem tenha «vertigens» — faz acrobacias a 80 metros do mar, entre dois rochedos da ilha Rousse, na Córsega.

A dança e a escultura



Um dos professores de dança da Ópera, de Paris, é o célebre bailarino Serge Sifar, nome mundialmente conhecido. O seu corpo acaba de ficar para sempre gravado em bronze. Posou para a grande artista — madame Sert, filha do general Mdiviani — e a sua obra será dentro em breve admirada por todo o mundo, pois ficará exposta numa das salas da Ópera.

A graça alheia



— DÊ-ME UM EXEMPLO DE HIPÓCRITA.
— UM ESTUDANTE QUE VEM PARA A ESCOLA CONTENTE!



Gustav Doffl, um dos intérpretes de «Testamento do Dr. Mabuse»

«se-lhe «Espíões», filme de carácter policial, em que o artista como que ensaia as suas extraordinárias faculdades em tão difícil género. E pouco mais tarde «A mulher na Lua», fantástica aventura, a que uma intriga do género policial serve de motivo.

Aleçado, assim, o domínio numa técnica difícil, Fritz Lang revela-se então através duma obra superior e perfeita no seu género — «Matou!».

Julgamos inútil recordar todas as maravilhosas qualidades que impuseram esse filme: extraordinário, verdadeira obra prima de emoção. A sua exibição está ainda bastante recente e foi coroada de tal êxito, que a recordação das melhores passagens vive ainda, por certo, na memória de todos que nos lêem.

«Matou!» serviu, pois, à consagração dum mestre. Não aquele que poderiam esperar os que há bons cinco anos assistiram, estasiados, à projecção da lenda renana dos «Nibelungos». Mas, apesar de tudo, a consagração dum grande realizador num género talvez

mais difícil e, certamente, artístico porque dele não é excluída a fantasia.

Com o desenvolvimento do cinema, falado e a progressiva utilização dos seus recursos próprios, veio a ideia de repor em cena os grandes êxitos do cinema silencioso. Várias vezes foi sugerida a Fritz Lang a adaptação ao fonocinema de «O Doutor Mabuse». O artista recusou sempre. Regrava-se-lhe resuscitar imagens já vistas, repisar ideias já conhecidas.

Foi então que Thea von Harbou, esposa do realizador e íntima colaboradora de toda a sua

obra na qualidade de argumetista, escreveu o entreccho desse filme impressionante que, dentro em breve, deve correr por terras de Lisboa — «O Testamento do Doutor Mabuse».

Trata-se duma série de aventuras alucinantes, em que a emoção atinge uma intensidade inextinguível. Algumas palavras servirão para que o leitor se dê conta do interesse do entreccho a que Fritz Lang foi buscar assunto para a composição de mais um desses espectáculos visuais em que a sua arte se afirma incomparável.

Mabuse, o criminoso genial, que durante tanto tempo fizera tremer o Mundo de horror com suas sinistras proezas, havia acumbido à loucura. A irresponsabilidade furtava-o ao castigo da justiça.

O professor Baum, director do asilo de alienados onde Mabuse se encontra, segue com curiosidade toda a acção desse louco extraordinário. Este, nos seus momentos de lucidez, passa as horas redigindo, em inúmeras folhas de papel, uma espécie de enciclopédia do crime, onde condensa toda a sua terrível ciência.

Passam-se anos. O nome de Mabuse esqueceu-se já. Mas eis que um dia a quadrilha volta a organizar-se. Ordens misteriosas põem em movimento a complexa organização ideada por Mabuse. E os crimes recomeçam, metódicos e sempre impenes.

Um dia o doutor Kramm vem consultar a biblioteca do professor Baum. Ao acaso, depara-se-lhe com um maço de papéis encimados por um título: «Notas do Doutor Mabuse».

A leitura desses documentos deixa-o estupefacto. O último crime cometido é a reprodução, exacta em todos os seus pormenores, dum dos capítulos das Notas. Momentos depois o infeliz joga com a vida a sua estranha descoberta.

CINEMA

O último filme de Fritz Lang «O testamento do

de Fritz Lang doutor Mabuse»

Surge então Kent, jovem engenheiro desempregado, que, levado pela miséria, entra para a sinistra quadrilha. Mas certo dia, Kent recusa-se a cometer um crime — recusa-se a matar. E desde esse momento vê-se em ante terrível dilema: executar a ordem recebida ou sofrer o castigo que a quadrilha reserva aos que a traem — a morte.

Kent está apaixonado por Lilli, que ignora a sua situação, e num momento de desespero resolve confessar-lhe tudo. Apesar do perigo que correm, tomam a decisão de Procurar o auxílio da Polícia na luta contra o terrível criminoso.

Mas a quadrilha espiava-os e mal saem do Comissariado onde se dirigiam a buscar protecção, logo vêm cair nas mãos dos bandidos que os conduzem à sala onde o chefe dava as suas ordens, dissimulado por pesada cortina. E uma voz anuncia-lhes que têm três horas «para ouvir chegar a Morte».

De facto, no silêncio que em seguida se estabeleceu, ouve-se, bem nítido o tic-tac duma máquina infernal.

Após enormes esforços, Kent e Lilli conseguem escapar à explosão e acompanhados do chefe de Polícia partem em busca do professor Baum.

Chegam, porém, tarde. A maior fábrica de produtos químicos da Europa vai pelos ares. A luz do luz incêndio descobre-se por fim o doutor Baum. Está louco. Tal como sucedera a Mabuse, a demência fá-lo escapar à acção da justiça.

E com o espectáculo grandioso da fábrica em chamas se termina este emocionante filme, a que está, por certo, reservado um grande êxito.

Os filmes de feras continuam em voga êxente. Na América do Norte foi agora exibida

uma peléna denominada «A grande jaula», que é um modelo no género.

Mais de cinquenta leões e tigres de temível ferocidade evoluem neste filme numa enorme jaula onde Clyde Beathie, o domador, jassela com a mais espantosa presença de espírito. As feras parecem de tal modo hipnotizadas pela audácia desse actor que, a pesar do seu número, o domador não parece correr risco. É todo de resto quanto o filme oferece de curioso. E parece-nos bastante para o tornar recomendável aos que apreciam semanças fortes.

Jan Kiepura, o célebre tenor que já admirámos em diversos filmes, foi contratado pela «Universal», para tomar parte num filme em Hollywood. O ordenado que lhe será pago por esse único filme é de 45.000 dólares.

O próximo filme de monstros será realizado com insectos e outros pequenos animais. «A terra que o tempo esqueceu», é o título actual desse filme. Verdadeiros insectos, enormemente ampliados, constituem a fauna monstruosa, contra a qual vemos o homem em luta terrível. Uma das cenas mostrar-nos-á um dos personagens devorado por uma gigantesca anemona do mar, pequeno animalculo que raro ultrapassa cinco centímetros de diâmetro.

Todos estes êxitos surpreendentes são obtidos por meio de hábeis truques que permitem exhibir homens e insectos em escolas muito diferentes. O emprego desses truques está, de resto, muito aperfeiçoado como o demonstra «King».



Frances Dee, uma das «velvetes» da Paramount

«Kong», há pouco estudado na América e na Inglaterra, que é uma história fantástica em muitos pontos semelhante ao filme de monstros prehistóricos «Mundo Perdido».

O próximo filme de Marlene Dietrich, que será já realizado sob a Direcção do grande artista Josef von Sternberg, terá por título «A senhora e o Sessant».

A «Ufa» sonorizou «A morte de Siegfried», o belo filme de Fritz Lang que forma a primeira parte da sinfonia cinematográfica «Os Nibelungos». A repetição desta obra célebre tem obtido na Alemanha o maior êxito.

George Arliss, depois da sua magistral criação de Voltaire, vai agora interpretar «Rothschild», um filme baseado na assombrosa carreira do homem que acumulou uma das maiores fortunas do Mundo.

A vida e as temerárias aventuras do barão von Richthofen, heróico aviador alemão que se tornou célebre durante a guerra mundial, são o tema dum grande filme de aviação que a «Radio» vai realizar.

Sob o título de «O Presidente combativo» a «Universal» apresentou uma biografia cinematográfica do presidente Roosevelt, que consiste em trechos de revistas de actualidades historiando a acção política do grande estadista norte-americano.

A «Metro» tem em preparação um filme sobre assuntos bíblicos que se chamará «Dois ladrões». É a história dos dois malfeteiros que subiram com Jesus Cristo ao Calvário e aí foram crucificados. Os principais papeis são interpretados por Clark Gable e Robert Montgomery.



Uma cena do interior da fábrica no «Testamento do Dr. Mabuse»



Sylvia Sydney, a emocionante interprete do filme «O grande milagre»

CINEMA

O GALÃ

Não sendo propriamente uma invenção do cinema, o galã deve, contudo, a esta forma de espectáculo a melhor parte da celebridade que conquistou.

No teatro, o galã é, salvo raras excepções, um personagem cujos êxitos amorosos fazem parte do convencionalismo da cena, e que o espectador aceita sem protestos, mas também sem convicção.

No cinema, é diferente. É indispensável que ele reúna os dotes físicos que a rubrica da obra a interpretar lhe atribui. Mais ainda: exige-se que ele constitua um tipo de beleza masculina, adaptável ao gosto do público.

Daqui resultou, desde os primeiros tempos do cinema, o criar-se um tipo de galã ideal — tipo que tem vindo sofrendo contínua evolução.

Nos tempos já recuados em que o êxito do cinema se começou afirmando, o galã latino realizava esse ideal. Rodolfo Valentino, o saudoso artista a quem uma morte prematura interrompeu a gloriosa carreira, consubstancia essa primeira fase do galã ideal. Elegante e terno, profundamente romântico, duma nobreza cheia de orgulho, Valentino, de quem conservamos tão grande admiração, resumia nessa época o ideal dum intérprete perfeito.

Mais tarde, a evolução das ideias e dos costumes veio modificar sensivelmente este conceito. O romantismo perdia terreno no cinema a olhos vistos. Era necessário que o galã acompanhasse esse movimento profundo, aproximando-se também da realidade. E assim sucedeu. Surgiu então o galã que, mantendo embora a linha cheia de nobreza dos latinos, afirmava já um carácter mais másculo, em que o romantismo cedia o lugar à cultura física. Ramon Novarro é, sem contestação, o protótipo desse género de galãs que em todo o Mundo tem feito vibrar inúmeros corações femininos.

Mas se até aí o tipo latino predominou em toda a sua clássica elegância, de então para cá a situação modificou-se por completo.

A Ramon Novarro, tipo de amoroso elegante envolto ainda em poesia, ia suceder o galã bem musculado, positivo e decidido. A América assumia o predomínio, neste ponto, dentro do seu próprio cinema. O americano médio, desportivo e prático, impunha ao cinema o seu próprio tipo.

Clark Gable pode simbolizar o advento desta nova fase do galã. O seu êxito foi fulminante em toda a América do Norte. As admirações femininas cercaram-no, erguendo o seu nome a um apogeu de celebridade que nenhum outro artista até então atingira. E se esse êxito foi menor na Europa há que procurar a explicação disso no facto de não ter o velho Mundo acompanhado essa evolução e estar ainda longe, portanto, do galã musculoso, aventureiro e um tanto rude que a América consagrava.

Entre estes três tipos fundamentais de galã — Valentino, Novarro

e Clark Gable — que marcam três épocas bem definidas na evolução do género, — surgiram outros de menor importância e que, embora célebres, ficaram longe de atingir a nomeada universal de qualquer deles.

Podemos citar, ao acaso, Charles Rogers, o famoso «Buddy», galã ingénuo, quasi pueril, que despertou admirações furiosas e hoje está quasi esquecido; Gary Cooper, sóbrio, másculo, um predecessor de Clark Gable, mais artista e menos vulgar; Jacques Catelein, tipo de beleza feminina que conheceu larga popularidade no cinema francês; Albert Prejean, figura popular de Paris que tão bem sabe evocar os galãs humildes, audaciosos e empreendedores; e John Gilbert, amoroso romântico, cujo reinado nem por ser efêmero deixou de ser extraordinariamente brilhante.

Qual a qualidade comum a todos estes artistas, e, portanto, indispensável ao galã cinematográfico?

E' difícil precisá-lo. Em boa lógica e dum modo geral, não se lhes pode atribuir beleza — ainda que beleza masculina. Esse factor parece mesmo ter no caso reduzida importância.

Há, portanto, que explicar o seu poder de sedução sobre o público feminino nesse outro factor indefinível que é a simpatia. E dizemos indefinível porque nenhuma regra fixa o seu mecanismo nem princípio algum parece presidir ao estabelecimento dessa corrente invisível que liga o espectador ao artista.

Exceptuado isso, que define o galã e o impõe ao público, tudo o mais é milagre do próprio cinema. Uma luz bem distribuída atenua defeitos e realça qualidades. Uma fotografia cuidada elimina certas imagens, certos ângulos, certas atitudes desleiantes. Uma caracterização hábil completa todo esse trabalho tendente à criação duma beleza masculina. E, finalmente, o argumento lança o galã no cenário fantástico e impressionante das belas aventuras.

Está realizado o milagre. Ao ver desfilarem na tela a sombra desse amoroso ardente e irresistível, que muitas vezes é na vida um homem vulgar, milhares de corações de mulher vão palpitar apressados. A boa vontade dum realizador fez dum simples mortal, um símbolo, um «Don Juan» moderno, uma imagem para uso íntimo da imaginação de mulheres sonhadoras...

Como se vê, a beleza masculina pouco concorre para este resultado. E' antes a esse elemento efêmero que é a simpatia e a escolha inteligente dum argumento que devemos ir procurar explica-

ção para o seu triunfo na dura competição pelas admirações femininas.

E é, na verdade, bem dura essa competição.

O triunfo é efêmero para a maioria dos que atingem a glória. Um imponderável, um nada, decide dos destinos dum artista. Certo actor que era ontem admirado está hoje esquecido, ainda na plena posse das suas faculdades. A estrela de Ramon Novarro por exemplo, há muito que começou a empalidecer. A sua decadência acentua-se de filme para filme, não porque o seu desempenho se apresente inferior, mas porque lhe são atribuídas produções de segunda categoria e o público parece desinteressar-se do ídolo que criou. E, contudo, Novarro está hoje na posse completa de todas as qualidades que fizeram dele um galã célebre. Estamos certos que interpretaria mais uma vez «Ben Hur» com a mesma elevação e justeza com que o fez no apogeu da sua carreira. Mas o gosto do público evoluiu e outros galãs lhe sucederam. Como no princípio dissemos, a tendência bem marcada do cinema actual é a do galã musculoso, viril, forte e enérgico. Clark Gable é, neste género, um astro que já conta grande número de satélites. Alguns

foi o cinema buscar ao desporto, que pela cultura física lhe proporcionou excelentes atletas e actores medíocres.

Tal é o caso de Johnny Weissmuller, intérprete de «Tarzan», que foi campeão olímpico de natação. E porque esta aquisição houvesse provado ser rendosa para o cinema, já outro campeão de natação, também laureado dos jogos olímpicos, se anuncia como actor. É Buster Crabbe, de que publicamos nesta página uma fotografia. Vai aparecer interpretando um filme, que apresenta várias afinidades com «Tarzan» e terá por título «O Rei da Selva».

Poderia concluir-se disto, com uma modesta dose de pessimismo, que há regressão no gosto público e que caminhamos para uma absurda idolatria da força. Estaríamos, nesse caso, a dois passos do conceito troglodita de beleza. Mas parece-nos mais razoável admitir que nos encontramos em presença duma fase transitória após a qual sobrevirá o equilíbrio. Assim, o músculo cederá, até certo ponto, lugar ao espírito, ajustando-se os dois factores na constituição dum tipo masculino mais harmónico e elevado. Será então possível aos poetas reconciliarem-se com os desportistas. E sem voltarmos ao romantismo quasi doentio dum Rodolfo Valentino, cuja época passou, tornavamos a encontrar nos galãs de cinema esse misto de poesia e romance que hoje falta e absoluto, na maioria deles.

Tal se nos afigura a provável evolução desse personagem que é figura central em noventa por cento das produções saídas dos estúdios. A menos que uma compreensão mais clara e inteligente do cinema não faça, entretanto, desaparecer do filme todas as figuras clássicas de galã, ingénua e vilão, em torno das quais se arrasta a acção tradicional dum entrelhe amoroso.



Buster Crabbe no filme «O rei da Selva»



O último modelo de foto de banho de Frances Dee

VIDA FEMININA

É lamentável a falta de gosto das senhoras portuguesas pela vida ao ar livre, e o desprezo a que votam os poucos jardins que a nossa capital possui. Nós temos um clima que permitiria a um povo que tivesse uma verdadeira compreensão da higiene, uma vida ao ar, durante todo o ano. É para lamentar o horror à vida higiénica, que todos sentem em geral, e, as mulheres em particular, e é talvez a isso que nós em Lisboa temos uma população das mais raquíticas e enfedadas da Europa. Uma senhora estrangeira, que há alguns anos vive em Lisboa dizia-me há pouco: "Eu não compreendo porque é a maioria da gente em Lisboa, em todas as classes, têm tão mau aspecto, um ar tão fraco, tão má cor, que as senhoras disfarçam, pintando-se quasi desde a infância. Aqui há peixe como em parte nenhuma e por um preço que o torna acessível a todas as bolsas, a hortaliça é esplêndida e variadíssima, a fruta igualmente e por preços que comparados com as das outras capitais são quasi de graça, o ar é bom, não vejo motivo para um tão mau aspecto geral." Mas esta senhora não terá talvez observado qual é a vida da maioria das senhoras e meninas. E eu que tenho batallado tanto nesse sentido, melancolicamente meditava, uma destas quinta-feiras passadas na inutilidade do que se escreve.

A direcção do Jardim Zoológico organizou um chá dançante às quinta-feiras, num dos mais aprazíveis recintos do Jardim, que é uma beleza não só em Lisboa como em toda a parte, música esplêndida anima e convida à dança. Estava uma tarde formosíssima, o arvoredo verde e brilhante trazia-me à memória os parques de Inglaterra; uma destas horas de verdadeiro encanto, mas nas mesas em volta meia dúzia de pessoas e ao conviê entusiástico da música apenas dois pares obedeciam, dançando com o ar soltuno de quem cumpre uma obriga-

ção, sem alegria, sem mocidade, sem vida. E eu lembrava os chás ao ar livre que eu tenho visto por todos esses parques da Europa. A alegria, a mocidade, a vida, que demonstra a força dum povo que sabe viver. Em Roma no "Casino Valadier", no Pincio ou no "Casino delle Rose, no parque da vila Borghése. Em Paris nos numerosos "dancings", do Bois de Boulogne, na Suíça em Montreux, em Lucerne em Interlaken, por toda a parte. Em Londres em Hyde Park na "Zoo, e nos vários sítios onde a mocidade ocorre, rapazes, raparigas dançando alegremente ao ar livre, fazendo um dos melhores exercícios, nas melhores condições de higiene, respirando um ar puro numa atmosfera sã. Por falta de dinheiro não é, porque se entre nós há menos dinheiro do que nas outras cidades, também um chá é incomparavelmente mais barato. E' apenas por snobismo, que não vão ao Jardim Zoológico, ainda não foi decretado elegante e portanto aqueles que se comprimem em salas pequenas, onde o calor é asfíxiante e a atmosfera irrespirável, onde pagam muito mais caro o chá, mas que estão num ponto "chic", não podem de maneira nenhuma ir dançar burquêsmente ao ar livre, num sítio aprazível e numa atmosfera pura, que lhes faria bem aos corpos arrazados e talvez também às almas. Porque enquanto as músicas locavam para as avesinhas, no Jardim banhado de sol e cheio de flores, nas "malinées, das cinemas comprimia-se uma multidão de meninas e rapazes numa atmosfera péssima, às escuras estragando mais as saúdes minadas, e, vendo espectáculos que nem sempre são o que seria para desejar nas suas idades, numa promiscuidade perigosa, que lhes faz mal ao corpo e à alma. Vão ao cinema à noite, vão no inverno, mas nos dias esplêndidos revigorem o seu organismo ao ar livre, numa convivência alegre e saudável. E os rapazes perderão esse ar que faz tristeza, de velhos antes de tempo e as raparigas tomando uma cor saudável, não precisando carregar as faces de "rouge", para não parecer que estão convalescentes de grave doença serão muito mais interessantes. Acabemos com esse snobismo, tudo o que é belo é elegante e um alegre chá num recinto bonito é melhor do que "chic", é agradável. Não deixem cair por terra as iniciativas interessantes que nos querem dar, a nós lisboetas, a vida agradável e interessante das cidades civilizadas, onde se sabe o que é viver sem snobismos e sem ridicularias.

Maria de Eça.

A Moda

CHEGOU o verão e imediatamente o pijama tomou o primeiro lugar entre as modas. Cada vez mais variado mais se vai aproximando do vestido, mas ocupando nesta época de calor e de vida ao ar livre o principal papel na «toilette» feminina. Damos hoje às nossas leitoras um lindo modelo de pijama em lã azul, que tem a completá-lo uma graciosa capinha, que é da maior utilidade nas nossas praças, onde o tempo varia tão facilmente e o vento se levanta dum momento para a outro. É chic, prático e comodo este modelo, e estas qualidades são muito para atender uma «toilette» deste genero, que se usa não por elegância mas sim por comodidade. Para a noite têm as nossas leitoras um lindo modelo em «Georgette Courtauld», que em branco tem um aspecto de grande distinção e elegância, é o chamado vestido aquarela, porque dá à mulher que o veste o ar deliciosamente vago duma aqua-



rela. Para a tarde temos um lindo vestido de verão uma linda «toile de Vichy». Este tecido tem uma encantadora conjugação de cores. Suaves como as cores duma flor. Riscas em malva, cor de rosa, verde e cinzento sobre fundo branco. É um vestido duma frescura imensa, que a «Guimpe» em dois folhos de «organdi» branco, mais acentua. Um cinto em fita de veludo preto faz sobressair a sua leveza. O vestido de «piqué» branco é a grande elegância este ano demos um precioso e simples modelo, cuja graça é aumentada com o chapéu no mesmo «piqué» pespontado. Um golpe faz com que se veja entre a copa e a aba uma madeixa de brilhante cabelo. É guarnecido com uma coroa de rosas, em cambráia branca.

Esta «toilette» duma frescura deliciosa e duma simplicidade absoluta, presta-se a ser moda em

praia, campo e mesmo na cidade. O branco tem este ano uma grande voga.

Rendas

A Moda nas rendas varia como em tudo, e, aparece-nos agora com a renda flamenga. Esta renda é facilíma de fazer e é dum grande efeito. As duas rosetas de que damos hoje o modelo são feitas com três qualidades de «lacet». Cosem-se em papel tela, onde o desenho foi decalcado. Deve fazer-se a maior atenção em coser de maneira a não deformar o desenho. Com fio de linho de côr natural igual aos «lacet», cosem-se muito bem os galões, em tôdas as suas junções, formando bem os angulos dos cantos. Não tirar do papel sem estar bem cosido, depois de o ter tirado rematar muito bem, e, em seguida colocar na tábua de passar a ferro com um pano molhado em cima e com o ferro bem quente passar a renda. É dum efeito encantador como guarnição de roupa de «stores» de almofadas. É uma renda linda e facilíma que apenas requer perfeição.

Uma amorosa

FORAM publicadas dezeseite cartas inéditas de Julie Lespinasse, aquela que escrevia: «Eu na vida só posso amar». Esta mulher de espirito elevado, rainha da conversa, romântica antes do Romanticiísmo, desejava as tempestades da paixão. Durante alguns anos foi adorada por um jovem fidalgo espanhol chamado, De Móra, que devia ser seu marido, mas que estava minado pela tuberculose. Os seus romances amores eram admirados em todos os salões parisienses literários, e, quando em 1774 De Móra, morreu, longe de Julie, num quarto de hôtél, de Bordeus, pensava-se que Julie morreria também, tão desesperada era a sua dôr. Nela entrava também o remorso, porque alguns meses antes da morte do seu noivo, ela tinha tido um capricho passional pelo conde de Guibert. Seu amigo e confidente era o escritor Suard, a quem dirigiu muitas e interessantes cartas. Êle deixou-as com outras cartas, em testamento ao diplomata suiço Staffler, que enriqueceu com elas os arquivos do castelo de Talsy. Assim ela numa das suas cartas a



Suard, julgava M.^{me} de Sevigné. «Como desejaria que os mortos pudessem ter sensibilidade. Como sentiria M.^{me} de Sevigné». Como eu lhe perdoaria de ter sido vaidosa e demasiadamente louvada! O seu panegirico lisonjearia ainda mais o seu orgulho, do que os louvores de Luiz XIV. Pena é que tanto espirito e tanto encanto fôsem impregnados daquela tóla vaidade, que lhe era própria. É um sentimento que cura a paixão e gela a «amisade». E compadece-se de M.^{me} de Sevigné que não conhece a paixão, tão exuberante nela. Desesperada de ver partir De Móra, o seu noivo fraco e doente escreve a Suard: «Partiu num estado de fraqueza, que se aproxima mais da morte do que da vida. A sua viagem, a sua doença, a sua chegada a Bayonne onde encontrará uma irmã hostil ao nosso projecto de casamento, amarguram-me a alma. Eu não sei que encanto me possa prometer a vida para que possa suportar tanta amargura. Para que queiris consolar-me querido amigo, duma desventura, na qual desejo abismar-me?» A vida de Julie depois da morte de De Móra, foi uma agonia secreta, tanto mais que o conde de Guibert que teria podido confortá-la com uma terna amisade, tinha-se afastado dela para casar «todos pensam — escreveu-lhe ela — que é a morte de De Móra, que me mata, mas foi o seu casamento que me deu o golpe de misericórdia». A morte que foi para Julie uma libertação, colheu-a dois anos sómente, depois da morte do noivo em 22 de Maio de 1776.

O nudismo

NÃO é só na sua pessoa que o modernista tem a mania do nudismo. Reina também agora nos móveis e nas casas. A moda actual é pelos móveis sem a mais ligeira escultura, nem ornamento algum. E tem apenas a elegância da linha. As casas como os móveis conhecem a nudez. Acabaram-se os quadros, as chaminés decorativas, as mesinhas carregadas de «bibelots». A antecâmara duma destas modernas habitações parece mais, preparada para a dança, do que para uma reunião íntima. Há um «divan» com uma almofada, e, três cubos de madeira, que se abrem automaticamente. As paredes cinzentas parecem salpicadas com areia do deserto. «E os quadros onde os põe?» perguntavam a uma dona de casa modernista, que os tinha belíssimos. «Estão fechados em caixotes na arrecadação», e encantada mostrava as suas cadeiras de metal e o seu



aquário em que a água era sempre mudada. «O nudismo da casa é a morte da imaginação, são os escalpelos e os martelos mudos, os fornos apagados, os laboratórios vasilos.

A vaidade

AS nossas longínquas antepassadas, tanto como as modernas elegantes; se submetiam às torturas da moda Na Renascença, um contemporâneo de Francisco I deixou escrito, que as damas nas festas da côrte estavam de tal maneira cobertas de pesados adornos, que uma vez sentadas não se podiam levantar. À noite tinham as pernas tão inchadas, que era preciso estenderem-se para que lhes fôsem tirados os efeitos, que as carregavam. No tempo de Catarina II as raparigas afirmavam que para ser belas era preciso sofrer, e usavam para os cabelos dum pó violeta, que as queimava e tão perfumado que fazia chorar quem o usava. Antes de se deitar punham na cara mascaras compostas de farinha de feijão, de clara de ovo, de nata e de mel. Durante a noite tornavam-se duras com pedras e de manhã tinham de se lavar com água quente, para conseguir arrancar da pele sem a ferir, essas verdadeiras torturas. Durante séculos todos os objectos de *toilette* das senhoras eram outros tantos instrumentos de tortura. O espartilho era quasi todo metálico. O peito era comprimido em dois rijidos hemisférios e debaixo dos braços saía uma espécie de cinto de ferro, que cruzava nas costas. Diz-se que Madame «Mercœur» menos feliz, que o bíblico Jonatas morreu um belo dia sufocada pelas suas barbas de baleia. Versos daquela época falam assim a propósito daquele falecimento. «As costelas do torax de tal modo comprimidas, tinham os pulmões demasiadamente apertados».

No Império tornou-se o espartilho menos cruel e uma famosa espartilheira de Paris, tinha gravado na taboleta da sua loja. «Contem os fortes, sustem os fracos e encaminha os desviados» e mais abaixo «O espartilho pode ser muitas vezes um tutor, mas nunca um tirano».

Emquanto aos sapatos, conta-se que no século XVI uma dama elegante disse ao seu sapateiro: «Eu quero que para o futuro me faça

sapatos muito apertados, se os posso calçar com facilidade não fico com eles.

Uma figura interessante

A duquesa d'Uzès, que morreu aos 86 anos no seu castelo de Dampierre era uma figura de mulher excepcional. Era filha do conde de Mortemart, descendendo da marquesa de Montespan a célebre rival de mademoiselle de La Valliere no coração de Luís XIV. Casou com o duque d'Uzès que a deixou viúva aos trinta e dois anos, com quatro filhos. Deixou-lhe também uma esplêndida fortuna, que a duquesa pelos seus gastos simples, empregou em obras de beneficência e sociais. Nos tempos de Boulanger que representava no pensamento da fidalga o renascimento depois da derrota de 1870, ela deu milhões. «Dai um dia à França as suas fronteiras do Reno — disse ela aos homens do dia — e sentir-me-hei amplamente compensada pela minha modesta contribuição». O seu palácio de Bonneilles, foi durante muitos anos, o ponto de reunião da sociedade mais distinta da política, da diplomacia, da literatura e da arte. Nas suas festas vestia muito simplesmente, mas o modo de receber era real. Pôde dizer-se que por muitos anos, não acabava o seu dia sem ter escrito vinte cartas, ter tido várias reuniões, visitado as instituições de beneficência a que presidia e dado as suas ordens para o dia seguinte. E ainda tinha tempo para se ocupar de arte: escreveu um romance, desenhou um cenário duma comédia, preparou discursos e modelou em barro, participou sempre nos problemas sociais da hora, e, defendeu sempre com ardor os direitos da mulher. O seu feminismo inspirava-se no princípio, que a mulher precisa de estar armada para defender os direitos do lar doméstico. Fundou o Club Feminino do automóvel e guiando o seu «auto» foi de Paris a Roma, à Turenne e à Holanda. Nas grandes caçadas era sempre a primeira cavalcando a sua égua russa com o tricórnio enterrado na cabeça, e o chicote na mão. Chegada a uma grande velhice, duas vezes por semana, chovesse ou ventasse viam-na, seguir o veado nos bosques, amazona intrépida, nunca cansada, sorridente e autoritária ao mesmo tempo.

Alegrias passageiras

Logo em seguida à guerra a «Côte d'Azur» representava o país do ouro. Os grandes hotéis recusavam quartos a 400 francos por noite. As fichas de 100.000 francos acumulavam-se sobre os panos verdes do grande Casino. Sobre o terreno banhado com o sangue da guerra tinham aparecido novas damas e novos cavaleiros, como cogumelos animados. Gente ordinária de nacionalidade indefinida, dava-se ares de fidalguia. Mulheres vindas dos mais baixos lugares do Oriente e dos Balkans faziam o papel de princezas, cobertas de pérolas e de diamantes. Os piratas dos negócios suspeitos tiveram um lugar importante nesta vida de prazer e de voracidade. Todas as especulações tinham sucesso, embora momentâneo. Agora os piratas desapareceram, quasi todos estrangeiros sumiram-se. Mas ficou o mal que fizeram. Na Riviera afluem ainda as aventureiras. O sol, as flores, os prazeres fazem andar a cabeça à roda a



muita mulher. Da América, da Inglaterra, dos países nórdicos chegam viajantes que veem para Cannes, Nice e Monte Carlo procurar não se sabe o quê. Algumas são senhoras de certa idade, mas que estão sós na vida. É ali que encontrarão facilmente o príncipe encantado pronto a começar um idílio, que acaba muitas vezes com a assinatura dum cheque e outras com o ficarem despojadas dos seus dinheiros e das suas jóias. E essas abandonadas desiludidas, empobrecidas, acabam aumentando a dose do soporífero com que conseguiam algumas horas de sono.

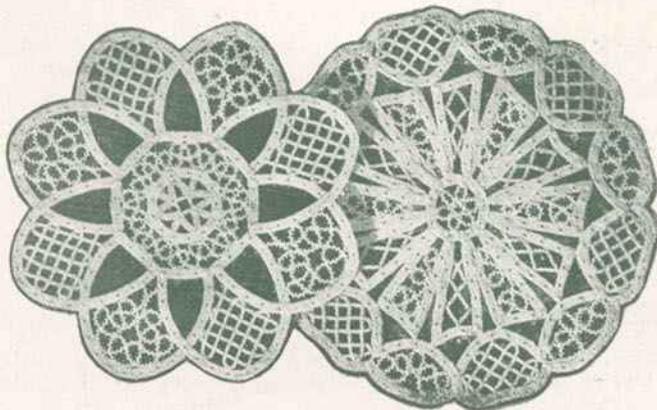
De mulher para mulher

Rosa branca: É sempre muito delicado o aconselhar um casamento, mas é delicadíssimo aconselhar um segundo casamento, quando há filhos do primeiro. Depende a felicidade de tanta coisa! E os filhos sofrem sempre ao ver a mãe casada segunda vez. E para uma mulher que é verdadeiramente mãe não deve haver nada mais horrível do que fazer sofrer os filhos.

Gipsy: O vermelho continua a usar-se e se lhe fica assim tão bem não deve hesitar. Mas há cores lindas nos tecidos em moda este verão.

Marieta: É esplêndido para a saúde mas deve ter cautela na maneira porque os faz. Os banhos de sol representam um tratamento sério. Deve começar por um minuto e aumentar gradualmente.

Triste: Deixe-se de tristezas que não pagam dívidas e como tem fortuna vá fazer uma viagem,



vá a Paris, a Deauville, a Juan-les-Pins, a Londres ou a Itália e verá como esquece e recupera a alegria.

Higiene e beleza

É esplêndido para a saúde o hábito de fazer banhos de sol e banhos de mar, mas devem ser feitos com tino e não à louca como muita gente os faz. Os banhos de sol devem começar a fazer-se a pouco e pouco, aumentando de dia para dia o tempo que se está ao sol, com os banhos de mar deve fazer-se o mesmo. As pessoas que não nadam, não devem fazer banhos muito longos, porque arrefecem na água o que é prejudicial.

Quem nada, pode conservar-se mais algum tempo e só quando sinta frio deve sair. Uma das questões mais importantes é a de se queimar, para evitar que o ar e o sol produzam queimaduras muito extensas e dolorosas deve untar-se o corpo todo com óleo de côco, que é esplêndido para a pele e evita também que a pele tome logo um tom muito escuro o que é feio. As

queimaduras pelo sol, são tão perigosas como qualquer outra, e devem portanto evitar-se o mais possível.

Cuidados com o marido

O trabalho dum homem é às vezes penoso. Ele está muitas vezes cansado e abatido. Não deixem nunca desanimar os seus maridos. O que é necessário é muitas vezes uma alimentação mais substancial. Completam as suas refeições com sobremesas saborosas, fáceis de fazer e económicas. São muito alimentares e não sobrecarregam o orçamento familiar. O arroz doce, a aletria, um creme, estão indicados. E dar-lhe também o hábito de lanchar às cinco horas, pão com doce de fruta. Num pequeno embrulho pode levá-lo na sua pasta. Esta ligeira refeição corta, com eficácia o grande espaço de tempo que vai do almoço ao jantar. Depois da refeição da noite dar-lhe uma infusão quente de tília ou de lucia-lima o que lhe assegurará um sono calmo e tranqüilo. O assucar tem no organismo uma influência fortificante.

Conselhos úteis

Para corrigir o ranço da manteiga deve fazer-se o seguinte: Lavá-la esmagando-a bem n'uma água em que se tenha dissolvido bicarbonato de soda. Provar e continuar, até que o ranço tenha desaparecido. Lavar de novo em água pura, pôr num pano limpo apertar bem e em seguida derreter bem num tacho de barro, em banho maria, com um pouco de sal.

Para tirar o ranço ao azeite faz-se o seguinte: 5 partes de magnésia calcinada e 80 partes de azeite, deixa-se macerar cinco ou seis dias, remenchendo de vez em quando, no fim desses dias filtra-se o azeite.

Há pessoas que não conseguem digerir bem os agradáveis rabanetes. É fácil torná-los duma fácil digestão. Basta apenas ao comê-los, comer também um pouco da sua folhagem.

Pensamento

Não devemos afastar-nos um passo da natureza.

LA FONTAINE.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I											
II											
III											
IV											
V											
VI											
VII											
VIII											
IX											
X											
XI											

Horizontalmente:

I — Defunto. II — Lugar de combate. Chefe de adueiros. III — Espécie de rã, Estimativa. IV — Fio delgadíssimo. V — Apologia. — Ilha do mar da Irlanda. — Composição poética. VI — Andar. — Destino. — Desinência verbal. VII — Patrôa. — Gracejar. — Altar. VIII — Do verbo abraçar. IX — Aversão. — Grande rio da Ásia. X — Fazer roque. — Mover-se na água. XI — Besta de carga.

Verticalmente:

1 — Conceder. — Sedimento. — Advérbio. 2 — Emendado. 3 — Nome fem. — Aporta. 4 — Dura um ano. — Devorador. 5 — Preposição e artigo. — Fruto. — Nota de música. 6 — Lugar onde se junta muito gado. 7 — Abreviatura de tratamento principesco. — Penetra. — Despido. 8 — Lugar delicioso. — Antiga unidade monetária. 9 — Pista. — Advérbio. 10 — Descomedida. 11 — Ligação. — Do verbo ser. — Reza.

BRIDGE

Espadas. — 4, 2.
Copas. — Az, rei, dama, valete.
Oiros. — Az, dama, 10, 9, 6, 3, 2.
Paus. — —.

Rei, valete, 10, 8, 6, 5. — Espadas. **A** Espadas. — 3.
7. — Copas. **C D** Copas. — 6, 5, 4, 3.
Rei, valete. — Oiros. **C D** Oiros. — 8, 7, 5, 4.
10, 8, 7, 2. — Paus. **B** Paus. — 9, 6, 5, 4.
Espadas. — Az, Dama, 9, 7.
Copas. — 10, 9, 8, 2.
Oiros. — —.
Paus. — Az, rei, dama, valete, 3.

A joga seis sem trunfo. D sai pelo 3 de espadas por G ter marcado esse naipe. A cumpre.

(Solução do número anterior)

B não deve, evidentemente, jogar trunfo porque então D cobrirá e A só poderia fazer uma vasa de oiros. Joga, portanto, o valete de copas. C pode cortar ou baldar-se. Se se balda, A joga a carta baixa de oiros; se corta, que é o mais conveniente, A joga também trunfo e D baldar-se a oiros. A faz a segunda vasa com o valete de oiros e volta a jogar oiros, que D corta com o 7, e B recorta com o 9 de espadas.

UMA VERDADE

Disse-me um doido do hospício pelas grades da prisão:

— Não são todos os que vez, nem estão todos os que são.



ANEDOTAS

— Como se vão dando com a criada nova?
— Criada nova? É coisa que não temos!
— Têm, sim. A Maria.
— Ora, nem já me lembrava. Essa já cá está, há quasi um mez!

— Meu pai fez fortuna, há alguns anos — disse ela ao seu namorado, dias depois de lhe ter correspondido. — Creio que gostará de saber como éle a adquiriu?

— Não, — replicou éle evidentemente distraído, — eu só preciso saber se éle ainda a têm.

— Não me importo nem com a constipação mais rigorosa, — dizia um sujeito, que nesse momento não tinha nenhuma — porque me posso livrar dela num dia.

— Também eu — replicou o outro, que trazia três lenços de assoar na algibeira; — mas, a mim, repugna-me o suicidio.

Havia sarau dramático em casa do sr. H. O dono da casa estava extasiado perante sua mulher, que representava uma cena apaixonada com seu primo, o elegante Eduardo.

— Parece, exclamou éle entusiasmado, que a Clementina nunca fez outra coisa em tôda a sua vida!

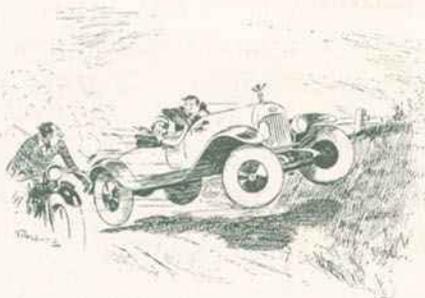
Entre amigos:
— Então, o tio que te morreu contava já oitenta anos?

— Conservou até ao fim tôdas as suas faculdades mentais?

— Com franquesa, não o sei dizer, por enquanto. Ainda não foi aberto o seu testamento.

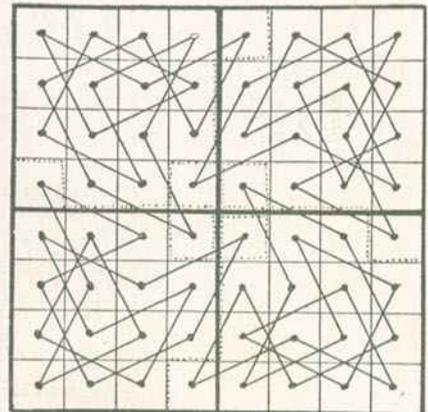
No tribunal:
O juiz: — Fique sabendo o réu, que, em virtude do artigo 2.202.º do Código Penal, é condenado em dois anos de cadeia perpétua!

O ESPIRITO INGLÊS



A MOTONISTA — Você está admirado de eu saber guiar? (do «Punch»).

OS GIROS DOS 4 CAVALOS



Se um taboleiro de xadrez for cortado em quatro partes iguais, como está indicado pelas linhas mais grossas do desenho, não é possível executar um giro completo de cavalo, quer reintrante, isto é, em que éle volte sobre si mesmo, quer não, dentro duma dessas partes.

Apresentamos, na figura acima, o melhor exemplo de um giro reintrante, onde se vê que cada cavalo passa duas vezes, da parte onde se move para as adjacentes.

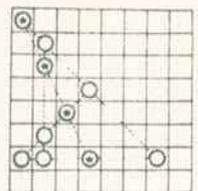
Dito isto, queremos que os leitores executem, agora, a paciência que lhe vamos indicar.

Cortem o taboleiro, de modo diverso, em quatro partes, tôdas do mesmo tamanho e do mesmo formato, de maneira que, dentro de cada uma delas, cada cavalo execute um giro reintrante completo.

Não se hão de fazer cortes pelas linhas ponteadas, porque as quatro casas centrais do taboleiro hão de ser desligadas ou suspensas por um simples fio.

AS PEDRAS DO TABOLEIRO

O desenho mostra como se faz a nova combinação. As pedras marcadas com uma estrela são as que ficam no seu primitivo lugar.



O QUE HA DE MAIS FACIL

(Passatempo)

Tomem dezeseite fósforos usados e formem com êles seis quadrados. Isso deve ser facilimo. Experimentem agora, porém, formar, com o mesmo numero de fósforos, cinco quadrados e depois quatro, não esquecendo nunca que cada grupo de quadrados deve contar todos os dezeseite fósforos.

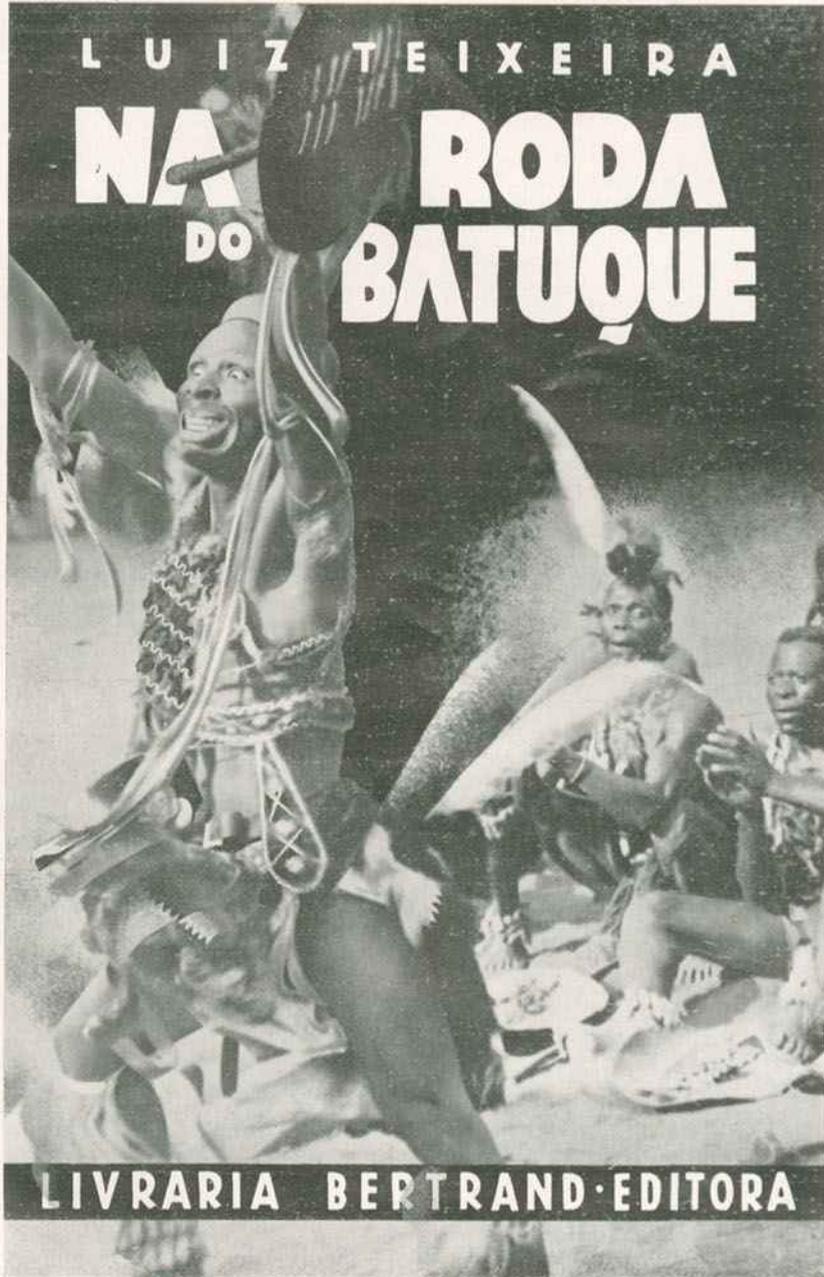
DEFINIÇÕES

A «diplomacia» é a arte de mentir pela Pátria.

«Tramites» são os obstáculos burocráticos para embarçar o andamento dos negócios.

«Porte-monnaie» é um utensílio de algibeira que suprime a perda de moedas isoladas, mas que permite perdê-las todas juntas.

UMA OBRA PRIMA DE LITERATURA COLONIAL



VINTE MIL QUILOMETROS NO CONTINENTE NEGRO

S. Tomé e Príncipe, Angola, Congo belga, Rhodesia, União Sul Africana, Moçambique

CIDADES — PAISAGENS — COSTUMES — ATRACÇÕES DESCONHECIDAS

1 vol. de 230 págs. com 18 gravuras e capa ilustrada . . Esc. 10\$00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.^a EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradford — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campainha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch 10\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher.»
— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00
Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUSA COSTA**

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de **JOÃO BRANDÃO**

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira migueista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cónegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avó. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 vol. de 266 págs. broc. 10\$00

À venda em todas as livrarias
Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

por **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Acaba de sair a 3.^a edição

ANTEU

POEMA DRAMÁTICO

— POR —

JOÃO DE BARROS

1 volume brochado 8\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TÓCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Salu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas { brochado 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas { brochado 12\$00
encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Formidável éxito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por BENITO MUSSOLINI

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.os 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.os 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.os 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de
ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado. 28\$00

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Livros da Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc.	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos da História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	14\$00
O Livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garret, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. **8\$00**

PEDIDOS À
Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

X...

Arte de enriquecer

Conselhos práticos para adquirir fortuna, conservá-la e aumentá-la

2.ª edição, 276 pags., br. **10\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impercíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$00
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	15\$00
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
— (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA



Saude Perfeita

TODAS as creanças devem tomar a deliciosa OVOMALTINE todos os dias para lhe assegurar uma perfeita saude.

Esta preciosa bebida alimentar fornece numa forma concentrada todos os elementos nutritivos e vitaminas essenciaes para a saude.

A OVOMALTINE é preparada com leite, extracto de malte, ovos frescos e cacau, que são os melhores alimentos da natureza. Os ovos são particularmente importantes porque fornecem o fosforo organico, um elemento essencial para fortalecer o cerebro e os nervos.

A OVOMALTINE é o mais rico alimento concentrado sendo portanto o mais barato no custo.

OVOMALTINE

E A SAUDE

A venda em todas as farmacias, drogarias e boas mercearias, em latas de 110, 250 e 500 grs. aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS 41 2.^o - LISBOA